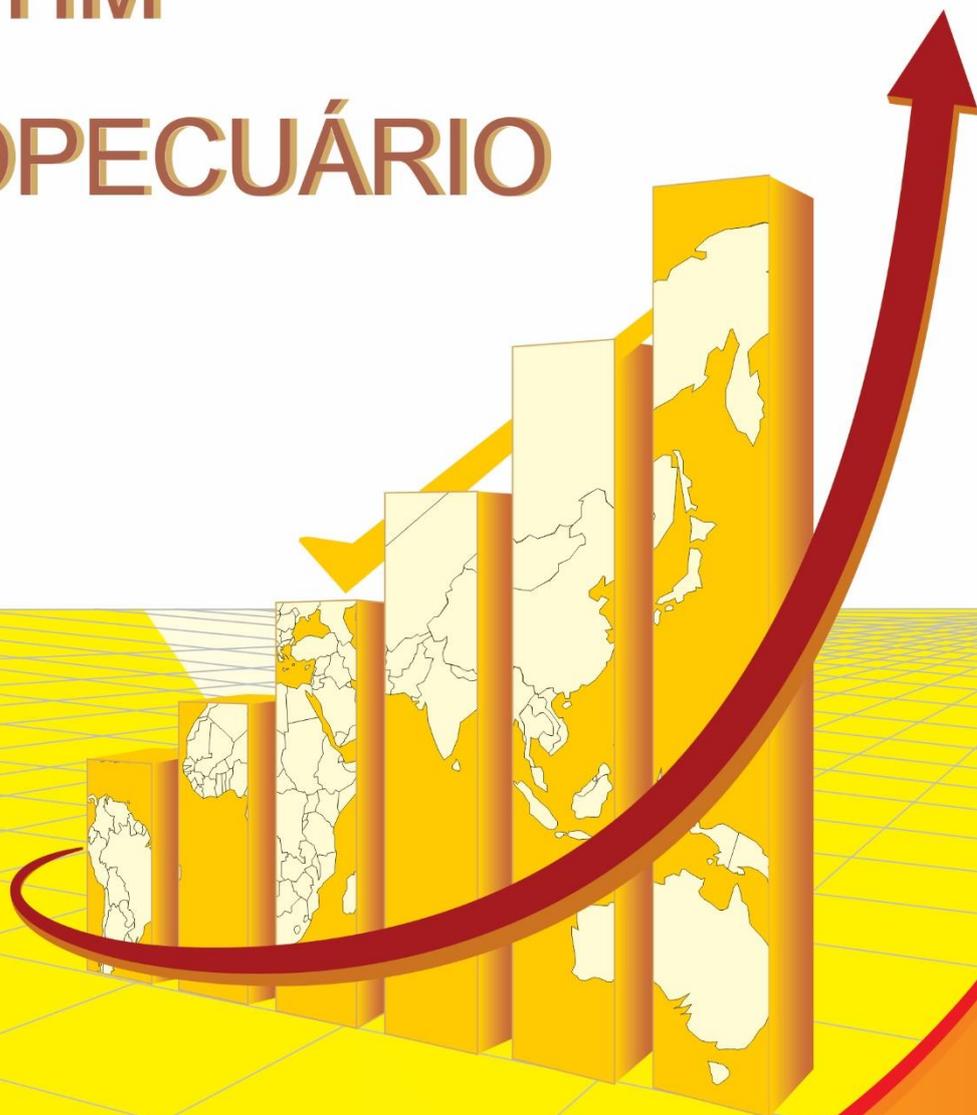


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Altair Silva

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 346

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Tabajara Marcondes



Florianópolis
2021

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Antonio M. Feliciano/Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior

Colaboração:

Bruna Parente Porto

Carlos Koji Kato

Claudio Luis da Silveira

Cleverson Buratto

Édila Gonçalves Botelho

Evandro Uberdan Anater

Getúlio Tadeu Tonet

Gilberto Luiz Curti

Nilsa Luzzi

Orlando Fuchs

Saturnino Claudino dos Santos

Sidaura Lessa Graciosa

Edição: outubro de 2021 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário**. Outubro/2021. Florianópolis, 2021, 48p. (Epagri. Documentos, 346).
Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.
Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Grãos	7
Arroz	7
Feijão	10
Milho.....	13
Soja	18
Trigo.....	22
Hortaliças	25
Alho.....	25
Cebola	28
Pecuária	32
Avicultura.....	32
Bovinocultura	37
Suinocultura.....	41
Leite	47

Grãos

Arroz

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em Santa Catarina, os preços médios pagos aos produtores no mês de setembro tiveram redução de 1,0% em relação a agosto, fechando o mês em R\$73,40/saca de 50kg. No mercado gaúcho, segundo o Cepea, também houve redução nos preços pagos, fechando no mês em R\$74,58/saca de 50kg. Para Santa Catarina, em termos reais, quando se considera a inflação no período (IGP-DI - base setembro/21), a média de setembro foi 30,72% inferior à de setembro de 2020, quando o preço registrou sua maior alta real, chegando a R\$105,94/sc de 50kg.

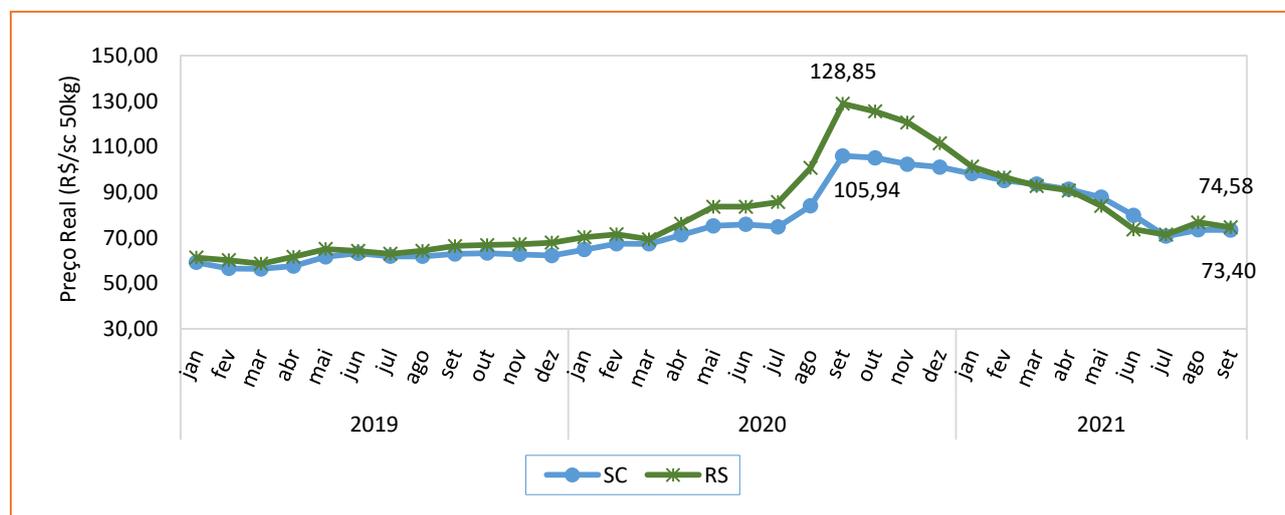


Figura 1. Arroz irrigado – SC e RS: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2019 a set./2021)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base setembro/2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS), outubro/2021.

A tendência baixista para os preços pagos aos produtores pode ser atribuída a alguns fatores. O primeiro é a baixa oferta por parte dos produtores, que insistem em não recuar nos preços atualmente praticados. Por outro lado, os moinhos não têm conseguido repassar os preços aos mercados atacadista e varejista. Para esses setores, que recebem pressão do mercado consumidor, a aquisição de matéria prima, nos atuais patamares de preços, tem dificultado as negociações.

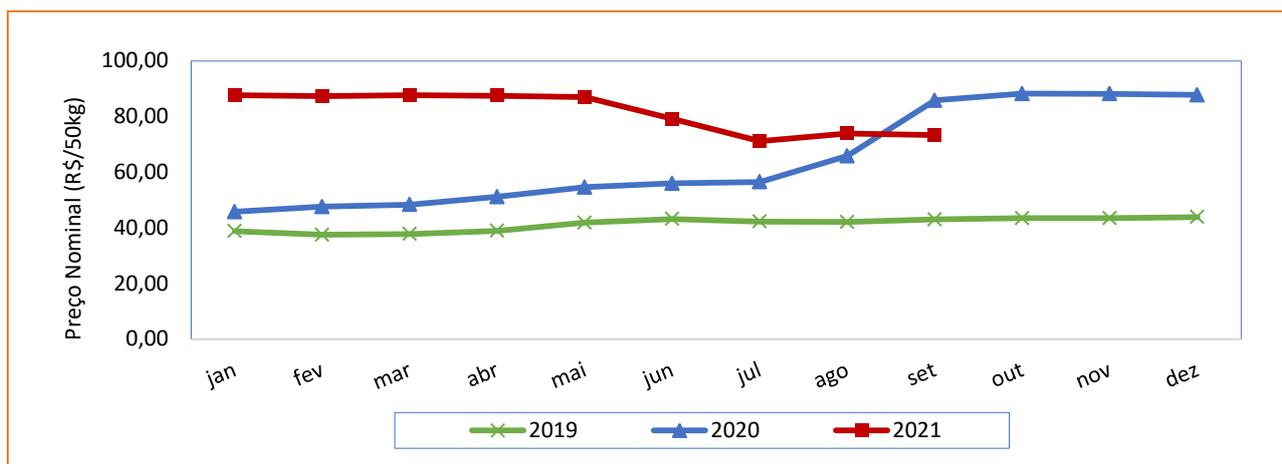


Figura 2. Arroz irrigado – SC: evolução do preço médio nominal mensal ao produtor – (jan./2019 a set./2021)

Fonte: Epagri/Cepa (SC), outubro/2021.

As exportações brasileiras de arroz voltaram a subir. No mês de setembro foram exportadas 130,2 mil toneladas, contra 114,5 mil toneladas em agosto, ou seja, alta de 13,7%. No comparativo com setembro de 2020, foi observado um expressivo incremento de 66,7% para o mesmo período. Por outro lado, no acumulado do ano, as exportações brasileiras de arroz em 2021 estão 46,8% inferior ao mesmo período do ano passado.

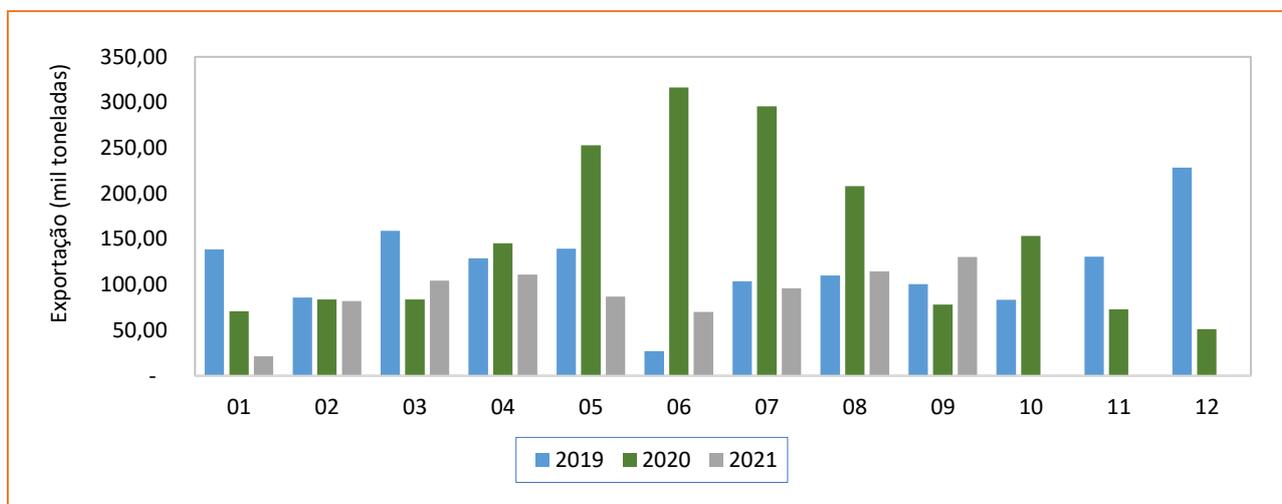


Figura 3. Arroz – BR: evolução das exportações de arroz (base casca) – (jan./2019 a set./2021)

Fonte: Epagri/Cepa (SC), outubro/2021.

Safra nacional

A Conab divulgou, em seu boletim de outubro, suas estimativas para a próxima safra de arroz. Segundo a entidade, a área cultivada com arroz em todo país nessa safra deverá crescer 1,6%, passando de 1,68 milhões de hectares, para 1,7 milhões de hectares. A boa produtividade alcançada na safra passada não deverá se repetir. A expectativa é que reduza 2,8%, passando de 7,0 t/ha para 6,8 t/ha. Com isso a produção total deverá diminuir 1,3%, passando de 11,7 milhões de toneladas para 11,6 milhões de toneladas.

Em relação ao quadro de oferta e demanda do arroz, a Conab projeta manutenção do consumo em 11,0 milhões de toneladas e do volume importado em 1,0 milhão de toneladas. Já para as exportações, a

perspectiva é que haja incremento do volume comercializado para 1,4 milhões de toneladas. Como resultado, projeta-se um incremento de 8,1% nos estoques finais da cultura do arroz, totalizando um montante de 2,7 milhões de toneladas de estoque de passagem em dezembro de 2022.

Safra Catarinense

Em todo estado, 82% das áreas destinadas ao plantio de arroz irrigado nesta safra 2021/22, já foram semeadas. O clima tem favorecido a evolução das operações de plantio em todo estado. Na Região Sul do estado, as lavouras já plantadas desenvolvem-se bem e os produtores seguem com os tratos culturais. No Litoral Norte, a cultura apresenta bom desenvolvimento e tem cerca de 92% das áreas já plantadas. A maioria das áreas está em pleno desenvolvimento vegetativo, com boa sanidade e perspectiva de produção. Doenças e pragas como brusone e cigarrinha apresentam pouca incidência e bom nível de controle.

No segundo levantamento das estimativas de área plantada e de rendimento médio, a área plantada se manteve estável em 147 mil hectares. Quanto à produtividade média, a expectativa é de redução de 1,74%, passando de 8,4 t/ha obtidos na safra passada, para 8,3 t/ha. Assim, deveremos ter uma safra 2,14% menor, com uma produção de 1,22 milhão de toneladas.

Tabela 1. Arroz irrigado – SC: comparativo das safras 2020/21 e 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa inicial – Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produt.
Araranguá	58.848	512.719	8.713	58.848	493.325	8.383	0,00	-3,78	-3,78
Blumenau	7.115	60.701	8.531	7.115	62.208	8.743	0,00	2,48	2,48
Criciúma	21.828	191.735	8.784	21.828	183.475	8.405	0,00	-4,31	-4,31
Florianópolis	1.895	11.333	5.981	1.895	11.908	6.284	0,00	5,07	5,07
Itajaí	9.461	74.895	7.916	9.461	76.294	8.064	0,00	1,87	1,87
Ituporanga	171	1.539	9.000	170	1.530	9.000	-0,58	-0,58	0,00
Joinville	18.232	146.238	8.021	18.382	151.132	8.222	0,82	3,35	2,50
Rio do Sul	10.695	92.338	8.634	10.608	96.164	9.065	-0,81	4,14	5,00
Tabuleiro	132	877,8	6.650	132	924	7.000	0,00	5,26	5,26
Tijucas	2.164	15.780	7.292	2.164	15.985	7.387	0,00	1,30	1,30
Tubarão	17.738	140.697	7.932	17.023	129.158	7.587	-4,03	-8,20	-4,35
Santa Catarina	148.279	1.248.853	8.422	147.626	1.222.102	8.276	-0,44	-2,14	-1,74

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2021.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O preço médio pago aos produtores catarinenses de feijão-carioca em setembro permaneceu inalterado em relação a agosto, fechando a média mensal em R\$237,50/sc 60 kg. Já para o feijão-preto, os preços tiveram uma pequena variação negativa de 0,16% no último mês, fechando a média de julho em R\$232,29/sc 60 kg. No mercado paranaense, os preços seguem praticamente estáveis, foi registrado um incremento de 0,95% nos preços médios mensais para o feijão-carioca, fechando em R\$274,84/sc 60 kg.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Set./21	Ago./21	Variação mensal (%)	Ago./20	Variação anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	237,50	237,50	0,00	194,45	22,14
Paraná		274,84	272,26	0,95	252,88	8,68
Mato Grosso do Sul		247,62	259,32	-4,51	267,16	-7,31
Bahia		277,88	277,56	0,12	231,28	20,15
São Paulo		279,81	298,01	-6,11	279,23	0,21
Goiás		270,85	280,30	-3,37	265,28	2,10
Santa Catarina	Feijão-preto	232,29	232,66	-0,16	220,34	5,42
Paraná		242,18	241,44	0,31	240,13	0,85
Rio Grande do Sul		222,76	250,70	-11,14	241,54	-7,78

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), outubro/2021.

Desde março de 2020, quando a pandemia de Covid-19 no país começava a se agravar, a corrida da população para se abastecer levou a uma disparada nos preços de alimentos básicos como o feijão. Agora, em 2021, a realidade do mercado é de manutenção dos preços em patamares elevados. Iniciamos o ano de 2021 com preços elevados para a grande maioria dos alimentos, bem como para os produtos de exportação, como milho e soja.

Com sucessivos recordes nas cotações dessas commodities, cotados em dólar e com maior liquidez, produtores de feijão acabam se desestimulados em investir na cultura para vender em Reais. Esse conjunto de fatores tem promovido uma redução sistemática das áreas de plantio de feijão, gerando um balanço de oferta de demanda muito ajustado. Com menor oferta, os preços acabam subindo e, conseqüentemente, o consumo diminui.

Dentre as opções de proteína para a alimentação, a de origem animal tem impactado fortemente o padrão de consumo das famílias, que estão reduzindo o consumo de carnes em função dos altos preços. Um substituto proteico tradicional para a proteína animal é o feijão, que oferece proteína de alta qualidade e normalmente está mais acessível a toda população. Contudo, com a elevação dos preços no mercado varejista desde o início da pandemia, essa opção está cada vez mais distante dos pratos de boa parte da população brasileira.

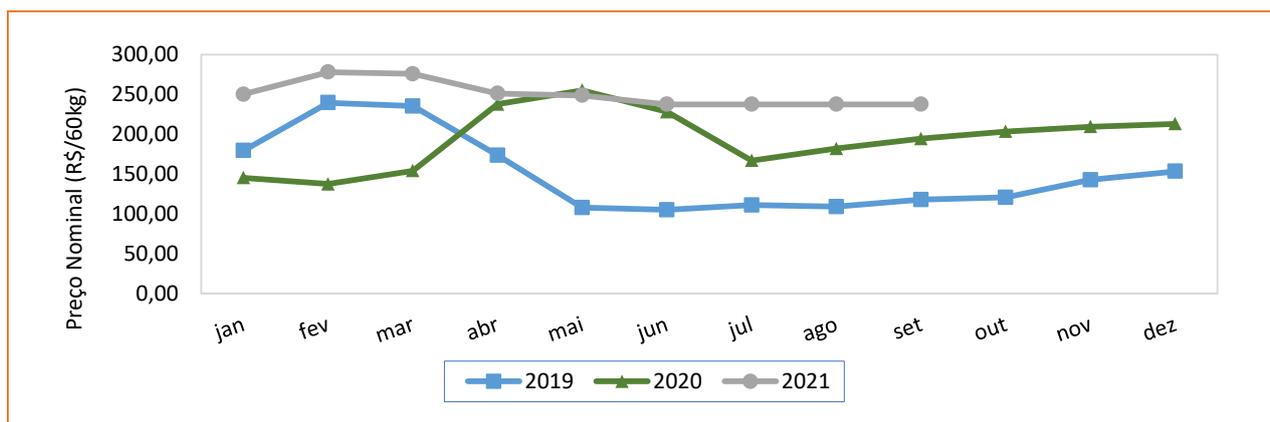


Figura 1. Feijão-Carioca – SC: evolução do preço médio mensal nominal ao produtor – (jan./2019 a set./2021)

Fonte: Epagri/Cepa (SC), outubro/2021.

Mas quando analisamos a evolução dos preços médios mensais, comparando o mês de setembro de 2020 e 2021 (preços corrigidos pela inflação - Índice Geral de Preços), constatamos que os preços estão 50,76% superior para o feijão-carioca e, 30,13% para o feijão-preto. Por outro lado, os custos de produção operacional também cresceram cerca de 48%, fazendo com os produtores trabalhem com margem bruta muito reduzida.

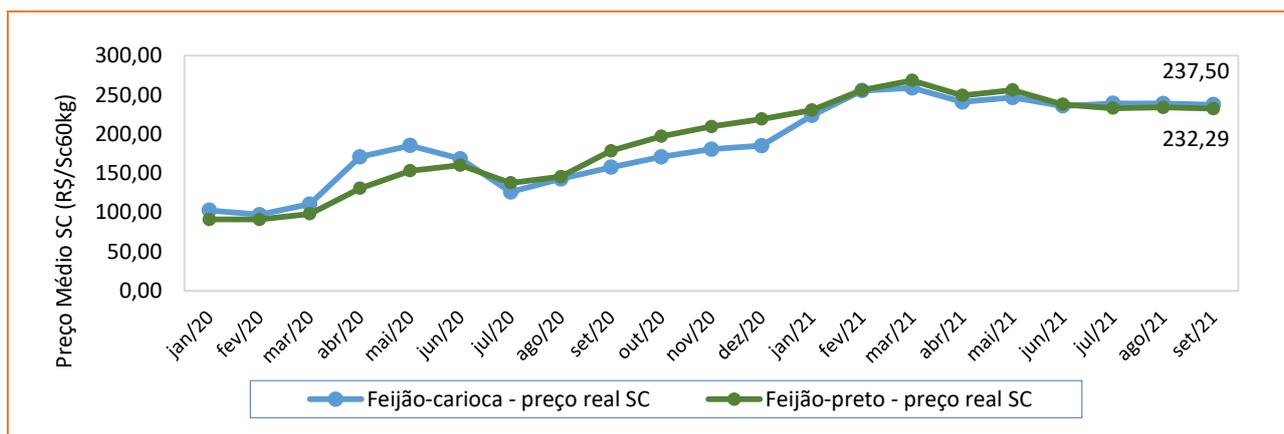


Figura 2. Feijão – Santa Catarina: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2020 a set./2021)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base setembro/2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), agosto/2021.

Safra Nacional

Segundo dados da Conab, o estoque inicial para o ano-safra 2021/2022 (155,2 mil toneladas), é baixo para o abastecimento do mercado até o final de 2021. Neste início de safra de feijão 1ª, as atenções se voltam para a produção de São Paulo, único estado que concentra a sua colheita (1ª safra) entre novembro e dezembro. A produção paulista está estimada em 110,4 mil toneladas, praticamente o mesmo volume registrado na safra anterior. Cabe esclarecer que São Paulo tem a maior parte da produção obtida por meio de irrigação, no entanto, tanto cultivos de sequeiro como sob área irrigada, podem ter problemas em razão de eventual escassez hídrica.

Diante desse cenário, a previsão da Conab é de que os preços continuem elevados em novembro e dezembro, com possibilidade de maiores elevações, caso ocorram problemas durante a safra que ocasionem redução na produção. As colheitas de estados com relevância no cultivo, como Minas Gerais, Paraná e Goiás se concentram entre os meses de janeiro e fevereiro, com isso os preços tendem a recuar a partir do ingresso no mercado da produção desses estados.

Safra Catarinense

Em Santa Catarina, até a última semana de setembro, 21,4% da área destinada à produção da safra 2021/22 de feijão 1ª safra já foi semeada. Neste início de safra, o plantio de feijão-preto predomina, pois o cultivo do feijão-carioca é mais tardio, concentrado em regiões mais frias do estado, como nos campos de altitude. As operações de plantio avançam nos meses de outubro e novembro, devendo ser concluídas no final de dezembro. Para as lavouras à campo, as condições agrônômicas são muito boas.

Nas últimas semanas, a ocorrência de chuvas permanentes impediu o término das operações de plantio da região Sul catarinense, o que deve ocorrer ainda na primeira quinzena de outubro. A situação é semelhante para as Microrregiões Geográficas (MRG's) de Ituporanga e Rio do Sul, onde os trabalhos de plantio devem encerrar até final de outubro.

No Planalto Norte, que compreende as MRG's de Canoinhas e São Bento do Sul, onde o plantio já ultrapassa os 55% da área destinada ao plantio, as condições climáticas estão favoráveis nesse período. Diferentemente da última safra, o plantio foi antecipado por conta de prognósticos climáticos de ocorrências de deficiência hídrica nesse período, o que não tem se confirmado até o início de outubro. Assim, o desenvolvimento vegetativo e as condições fitossanitárias estão muito bons, sem presença significativa de pragas ou doenças.

Nas regiões Oeste e Extremo Oeste, as operações de plantio já iniciaram, porém, de forma lenta. O excesso de umidade de solo e as chuvas incessantes dificultam o avanço das operações de plantio, que devem se estender até final de outubro. Ainda não há problema relacionado a atraso de plantio. Para as áreas já implantadas, o desenvolvimento das lavouras é muito bom.

Para as MRG's de Campos de Lages, Curitibanos e Joaçaba, ainda não há lavoura de plantio comercial semeado. Nessa região, a cultura do feijão é implantada sobre a resteva do trigo. As temperaturas estão muito baixas e os produtores aguardam o melhor momento para semear. Cabe ressaltar que nessa região, a expansão do plantio da soja avança fortemente, em detrimento das culturas de feijão e milho.

Para a safra 2021/22 de feijão 1ª safra, nessa segunda estimativa, é esperado que as lavouras alcancem uma produtividade média acima dos 2.100kg/ha. Se tudo correr bem, sem ocorrência de eventos climáticos extremos prejudiciais ao desenvolvimento da cultura, a expectativa de técnicos e produtores é de que deveremos ter um aumento de 21% na produção, chegando a 68,4 mil toneladas.

Tabela 2. Feijão 1ª – Comparativo de safra 2020/21 e 2021/22

Microrregião	Safra 2020/2021			Estimativa Safra 2021/2022			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Campos de Lages	6.500	12.772	1.965	6.500	12.778	1.966	0	0	0
Canoinhas	7.450	8.767	1.177	6.970	17.998	2.582	-6	105	119
Chapecó	1.772	2.123	1.198	1.809	4.088	2.260	2	93	89
Curitibanos	4.310	10.146	2.354	4.060	8.922	2.198	-6	-12	-7
Joaçaba	2.885	5.113	1.772	2.860	5.722	2.001	-1	12	13
Xanxerê	4.874	10.759	2.207	4.922	11.579	2.353	1	8	7
Outras MRG's	5.316	6.826	1.284	4.479	8.150	1.820	-16	19	42
Santa Catarina	33.107	56.507	1.707	31.600	69.238	2.191	-5	23	28

Fonte: Epagri/Cepa (SC), outubro/2021.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, os preços ao produtor, média mensal em setembro, recuaram 4,4% em relação a agosto. Os preços ao produtor retomam posições de R\$90,43/sc (Figura 1). Nos demais estados os preços apresentam comportamento semelhante. No Mato Grosso o recuo dos preços foi maior, o que levou a ampliar a diferença entre os preços em relação ao sul do Brasil. **Como fatores que influenciaram a baixa no período estão:** o volume das importações até setembro, o ritmo do consumo interno, a expectativa de aumento da área da safra 2021/2022 e colheita da safra dos EUA. Os fatores que estão prevalecendo são os que influenciam a baixa das cotações no período, no entanto, os baixos níveis de estoques internos devem ainda manter as cotações fortalecidas até o fim do ano, quando comparado a média dos anos anteriores.

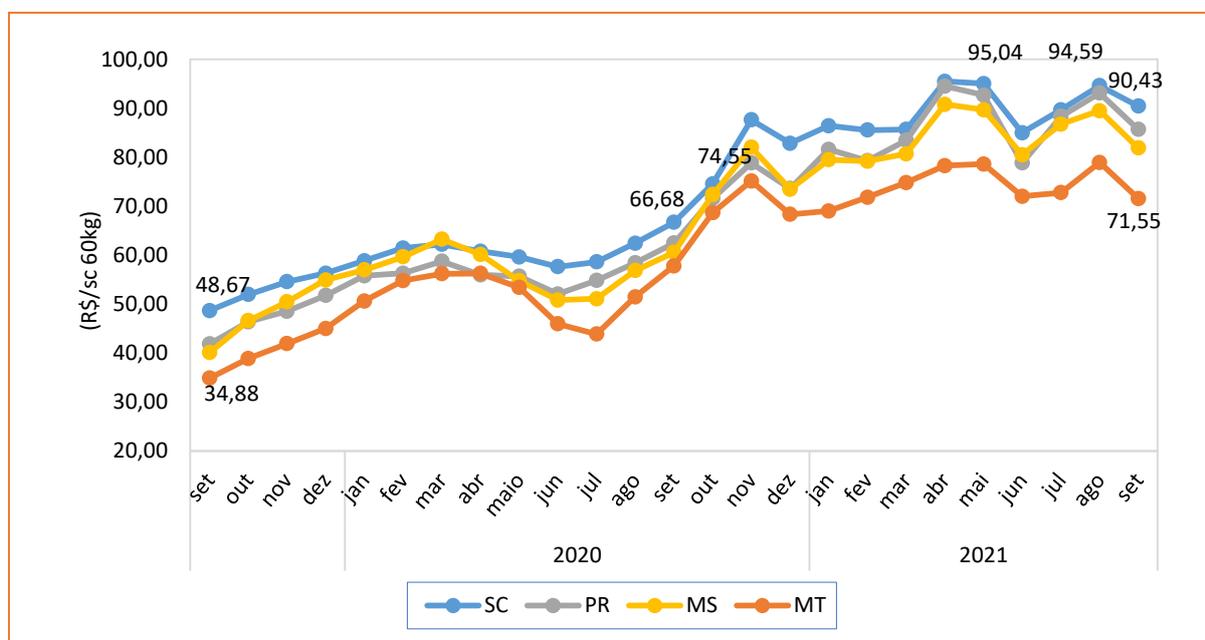
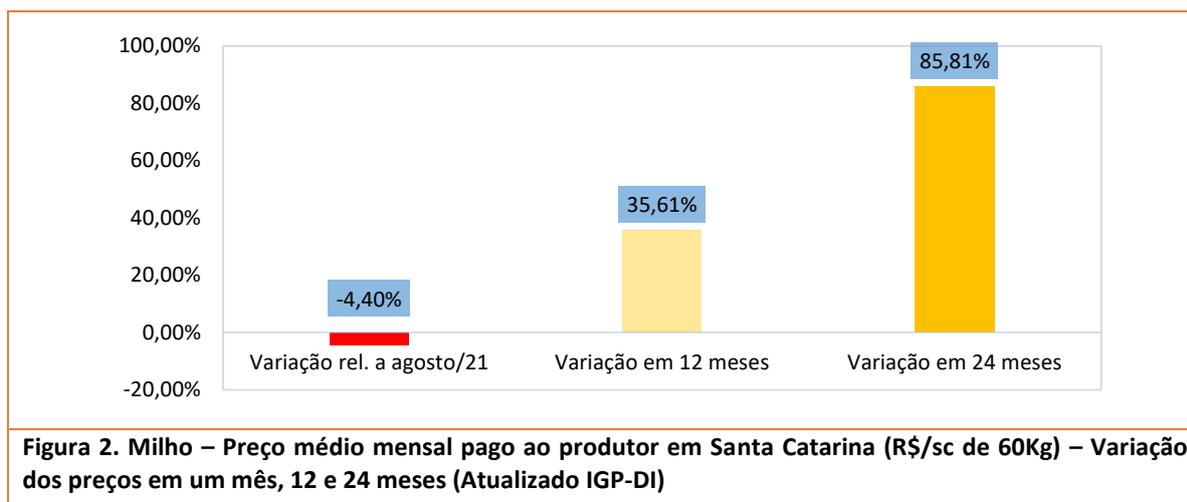


Figura 1. Milho – SC, PR, MT e MS: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60Kg) – set./2019 a set./2021 (atualizado IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR, Agrolink.

As cotações dos preços mensais do milho em Santa Catarina mostram uma grande variação temporal. Os preços registrados em setembro (média mensal corrigida pelo IGP-DI) tiveram uma redução de 4,4% em relação ao mês anterior, enquanto que no período de 12 e 24 meses apresentaram uma elevação de 36,6% e 85,8% respectivamente (Figura 2), registrando assim um novo patamar de preços desde no segundo semestre de 2020. Desde início do ano de 2021, os preços permanecem nas posições entre R\$85,00 e R\$95,00/sc. Outros fatores estão influenciando as cotações internacionais: os preços internos do milho na China, o custo elevado da logística de exportações no Brasil, a crise energética/percentual dos biocombustíveis e movimento dos fundos de investimento de commodities.



Safra 2021/2022

O prognóstico para a nova safra de milho grão no estado aponta para uma recuperação da produção, após a safra 2020/21 que apresentou uma produção estimada de 1,8 milhões de toneladas, uma redução cerca de 30% em relação a safra anterior. Para a safra que se inicia, 2021/2022 está sendo estimada uma produção de 2,7 MT, restabelecendo a produção média das últimas safras. Algumas regiões, como São Miguel do Oeste e Concórdia retomam as áreas de milho grão migradas para silagem durante a safra anterior que sofreu com a estiagem. A área cultivada no estado se estabiliza em 325 mil hectares (Tabela 1). E, quanto a segunda safra (do milho grão), a área de cultivo está em torno de 20 mil hectares, o levantamento é realizado em separado no final de janeiro de cada ano. As outras regiões citadas constituem as microrregiões do litoral norte e grande Florianópolis, que também apresentaram incremento significativo da área cultivada.

Tabela 1. Milho – Estimativa inicial e comparativa de área, produção e rendimento de milho grãos por Microrregião geográfica totalização do estado – Safras 2020/21 e 2021/22

MRG	Safra 2020/21			Safra 2021/22			Variação %		
	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área	Quant.	Produtiv.
Araranguá	7.759	6.191	48.039	7.786	6.680	52.009	0,3	7,9	8,3
Campos de Lages	34.520	6.346	219.050	33.820	6.370	215.450	-2	0,4	-1,6
Canoinhas	33.000	8.119	267.940	33.850	9.491	321.270	2,6	16,9	19,9
Chapecó	42.919	3.620	155.374	39.913	8.664	345.794	-7	139,3	122,6
Concórdia	13.170	4.357	57.388	21.750	7.567	164.574	65,1	73,6	186,8
Criciúma	7.086	6.531	46.280	7.109	6.820	48.481	0,3	4,4	4,8
Curitibanos	27.065	7.211	195.176	26.530	10.485	278.178	-2	45,4	42,5
Ituporanga	10.550	7.102	74.924	10.170	7.732	78.636	-3,6	8,9	5
Joaçaba	65.715	4.575	300.649	62.010	8.230	510.335	-5,6	79,9	69,7
Rio do Sul	18.830	6.964	131.126	19.030	7.105	135.216	1,1	2	3,1
São Bento do Sul	3.700	7.630	28.230	3.800	8.711	33.100	2,7	14,2	17,3
São M. do Oeste	16.821	3.633	61.109	25.070	8.538	214.044	49	135	250,3
Tubarão	5.015	6.158	30.881	4.753	6.277	29.834	-5,2	1,9	-3,4
Xanxerê	27.620	5.927	163.697	26.080	9.895	258.055	-5,6	67	57,6
Outras regiões	6.461	4.700	30.369	4.210	5.979	25.172	-34,8	27,2	-17,1
Total geral	320.231	5.652	1.810.231	325.881	8.316	2.710.149	1,8	47,1	49,7

Fonte: Epagri/Cepa, setembro/2021.

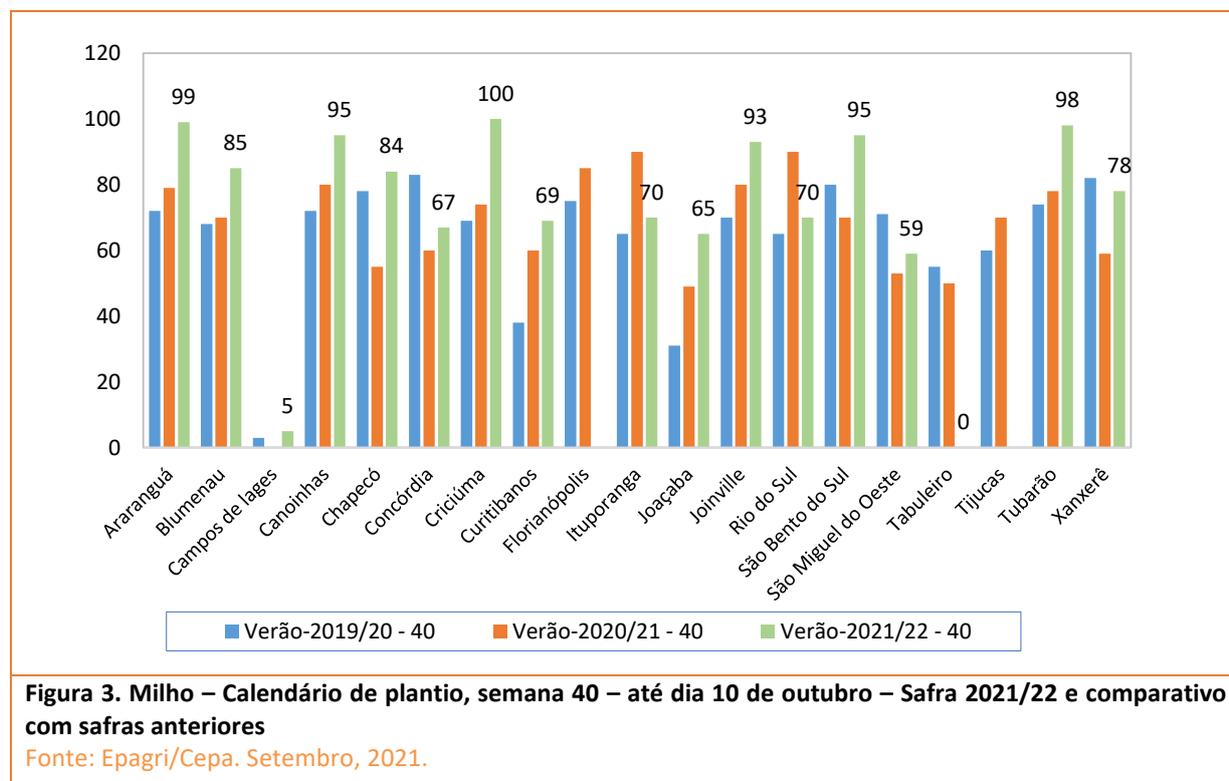
Milho Grão segunda safra: A estimativa de área de milho grão para segunda safra é lançada no final de janeiro de cada ano. Nas últimas safras representa em torno de 20 mil hectares.

Milho silagem: Cabe salientar que o cultivo de milho para fins de silagem é levantado em separado, representa cerca de 220 mil hectares para a nova safra.

As três áreas (milho primeira safra, milho segunda e milho silagem) somam 565 mil hectares no estado.

Calendário de plantio – Safra de verão de 2021/2022

O calendário de implantação da nova safra já se encontra dentro do zoneamento agroclimático. O plantio até dia 15 de outubro no estado está em 67% da área estimada para primeira safra. A região de Campos de Lages está no início do plantio. Na maioria das regiões estão com as lavouras em fase de desenvolvimento vegetativo. As regiões do Oeste e Planalto Norte registram mais de 80% da área semeada até 10 de outubro. Nas regiões do litoral o plantio já está finalizado. Em relação às duas safras anteriores, a fase de plantio da atual safra se encontra mais adiantada (Figura 3). A princípio, esta fase importante do estabelecimento das lavouras está dentro da normalidade, apresentando boa germinação e estabelecimento inicial das lavouras. Contudo, o excesso de chuvas recente está dificultando os tratos culturais em algumas regiões. Outra preocupação do componente climático está na temperatura mínimas inferiores a 10°C¹ em setembro e início de outubro (em regiões com maior altitude), que compromete o pleno crescimento vegetativo da cultura. Alguns autores reportam como limites extremos para a fenologia do milho 8°C e 44°C, sendo que o crescimento máximo ocorre entre 26 e 34°C².

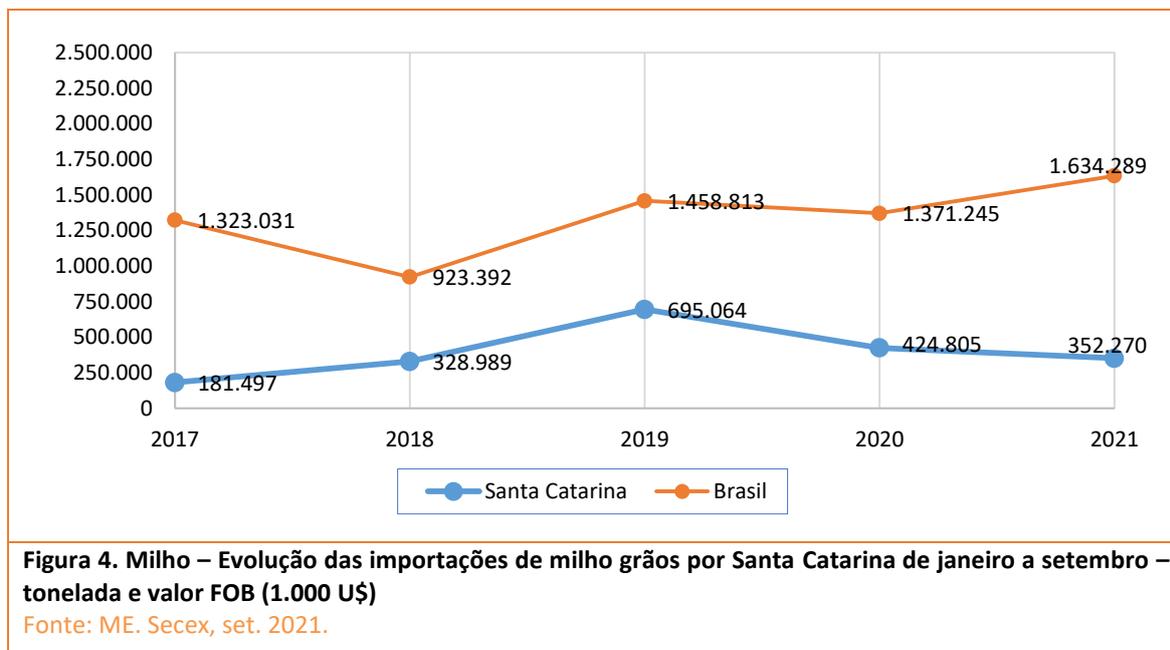


¹ <https://ciram.epagri.sc.gov.br/agroconnect/>.

² O milho e o clima / Homero Bergamaschi e Ronaldo Matzenauer. - Porto Alegre: Emater/RS-Ascar, 2014.

Importações por Santa Catarina

As importações de milho por Santa Catarina alcançaram 352 mil toneladas de janeiro a setembro de 2021 (Figura 4). Com este volume deve superar o valor de 2020, uma vez que, já estão programados no *line up* do Porto de Imbituba³ mais dois navios em outubro, totalizando 60 mil toneladas, além das importações via rodoviária do Paraguai. Isto reflete a baixa disponibilidade interna do produto, em função da forte retração da produção da safra passada.



Estimativas da Safra Nacional de milho 2021/2022.

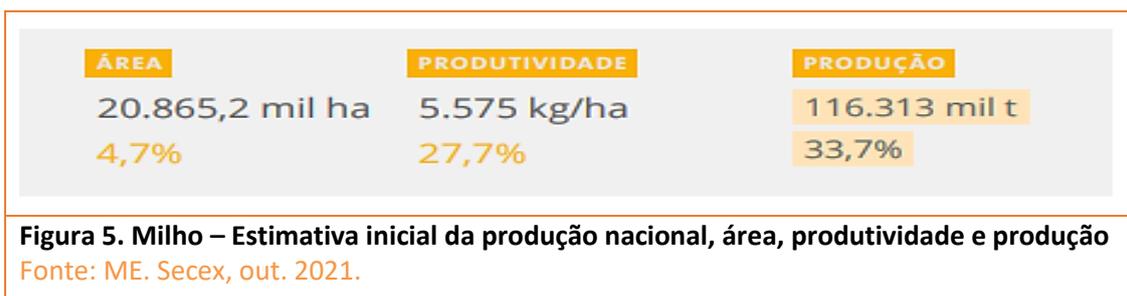
Com o fechamento dos números da safra anterior 2020/21, a Conab estima uma produção total de 87 milhões de toneladas, ou seja, uma redução de 15,1% em relação à safra 2019/20. Esse ajuste ocorre diante da constatação em campo de uma significativa redução de produtividade daquela safra. **Por outro lado, a Conab prevê uma produção de 116,3 milhões de toneladas para a safra 2021/22 diante de um aumento esperado de 28% da produtividade das lavouras** (Figura 5). Portanto, é esperada uma recuperação da produção nacional que deve alcançar cerca de 30 milhões de toneladas superior a safra anterior, volume considerado muito significativo no contexto do mercado do cereal.

Demanda: Em relação aos dados de demanda doméstica, a Conab projeta 73,7 milhões de toneladas a serem consumidas no ano safra 2020/21, um aumento de 3,3% comparado a 2019/20. A projeção é sustentada no bom desempenho da Indústria de proteína animal em 2021.

Importações: No relatório de outubro há um ajuste da projeção de importação de milho em 2,3 Milhões de tonelada da safra 2020/21.

Estoque Final: Diante dos ajustes citados, o estoque esperado ao fim do ano safra 2020/21 é de 6,9 milhões de toneladas, redução de 34,3% em comparação à safra anterior.

³SC Par Porto de Imbituba. Relatório diário de operações. <https://www.portodeimbituba.com.br/>



Produção Mundial⁴

Os principais produtores, Estados Unidos, China e Brasil respondem por cerca de 64% da produção mundial de milho. A variação da produção entre as safras 2019/20 e 2020/21 realça a retração da produção no Brasil, União Europeia, Argentina, Ucrânia e Paraguai (Tabela 2). A recuperação da produção dos EUA, Índia, Canadá, África do Sul e outros países tornaram menos impactante a redução da produção na América do Sul. No entanto, a diminuição em termos absolutos da produção mundial da safra 2020/21 em relação à safra 2016/17 foi superior a 12 milhões de toneladas, tendo com isto impacto nos estoques mundiais com reflexo nos preços internacionais. Para 2022 há um prognóstico de recuperação da produção global, em especial na América Latina. Outros fatores determinantes no mercado mundial, Consumo/Estoque: O consumo mundial do cereal também registrou crescimento na passagem do mês (relatório do USDA de outubro), que foi estimado em 1,19 bilhão de toneladas. Os estoques de milho para 2021/22 aumentaram 13,0 milhões de toneladas em relação à previsão de agosto, com volumes mais altos nos Estados Unidos e na China, que tiveram reflexo diretamente nos preços internacionais em setembro e outubro.

Tabela 2. Milho – Principais produtores mundiais de milho – Safras de 2016 a 2022 (estimativa)

	2016/2017	2017/2018	2018/2019	2019/2020	2020/2021*	2021/2022	Var. % (2020-21)
Estados Unidos	384.778	371.096	364.262	345.962	360.252	380.764	4,13
China	263.613	259.071	257.174	260.779	260.670	268.000	-0,04
Brasil	98.500	82.500	101.000	102.000	93.000	118.000	-8,82
União Europeia	61.935	62.046	64.376	66.735	63.975	66.700	-4,14
Argentina	41.000	32.000	51.000	51.000	48.500	51.000	-4,90
Ucrania	27.969	24.115	35.805	35.887	30.297	37.500	-15,58
Índia	25.900	28.753	27.715	28.766	30.250	29.500	5,16
México	27.575	27.569	27.600	26.658	27.000	28.000	1,28
South Africa	17.551	13.104	11.824	15.884	17.000	17.000	7,03
Canadá	13.889	14.096	13.885	13.404	13.563	13.300	1,19
Paraguai	4.125	4.200	3.700	3.800	3.200	4.300	-15,79
Outros	160.837	160.916	168.727	167.749	167.797	184.151	0,03
Total mundial	1.127.672	1.079.466	1.127.068	1.118.624	1.115.504	1.198.215	-0,28

Fonte: USDA, Outubro, 2021. Elaboração Epagri/Cepa.

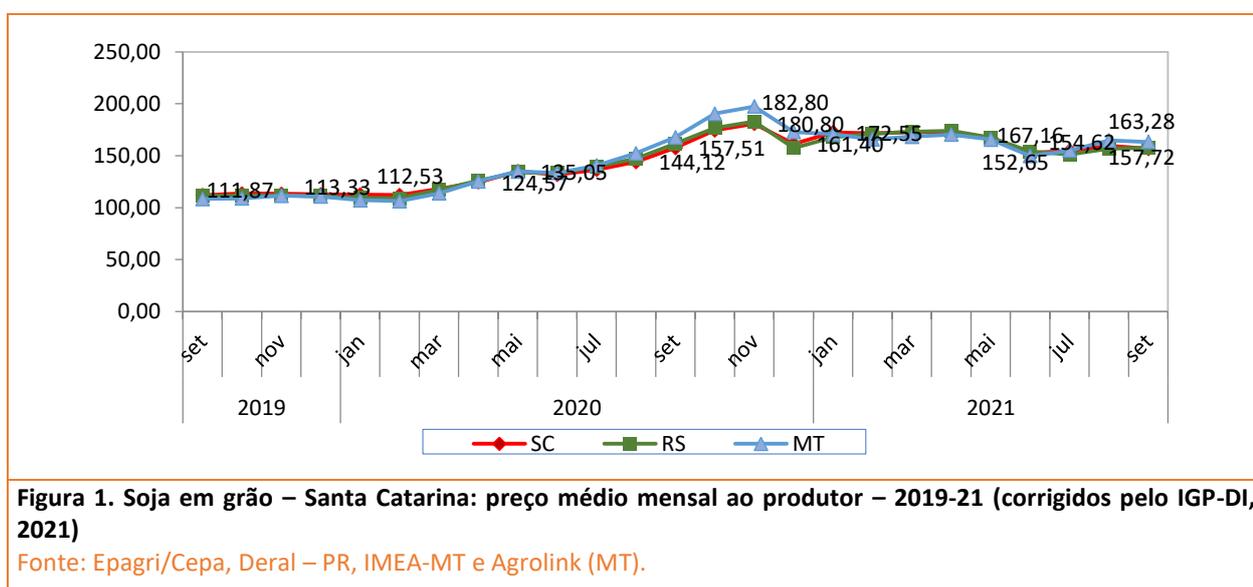
⁴ USDA, Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 28. October 2021.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços da soja estão oscilando entre R\$160,00 e R\$170,00/sc desde o início do ano. A variação cambial tem pautado boa parte desta variação. Os preços praticados nos diferentes estados analisados estão próximos desde o início do ano (Figura 1). O dólar seguiu se valorizando frente ao real em setembro, e esse cenário sustentou os preços da soja em grão no mercado interno no mês, evitando maiores quedas.



Os patamares dos preços estão sendo influenciados por diferentes fatores que orientam para baixa ou alta no período em análise:

Fatores de baixa dos preços ↓	Fatores de alta ↑
<p>O prognóstico de aumento de área de cultivo da safra brasileira para 2021/22; Colheita da safra dos EUA; China, demanda indefinida (paralisação das indústrias de processamento); Menor demanda externa.</p>	<p>Câmbio, dólar em alta; Previsão de aumento das exportações em outubro; Estoques internos; Melhor margem no esmagamento, devido a valorização dos derivados.</p>

Em relação ao preço médio mensal registrado nos meses de setembro desde 2017 até setembro de 2021 (valor corrigido IGP-DI), é possível observar que as cotações tiveram alta superior a 50%. Em relação ao preço nominal o aumento superou a 160% no mesmo período. No entanto, de setembro de 2020 a setembro de 2021 os preços se mantiveram equivalentes, quando atualizados pelo IGP-DI⁵. Quanto ao valor nominal, seguem um ritmo de elevação, mas em estabilidade nos últimos meses de 2021.

⁵ FGV. Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), o índice acumula alta de 15,12% no ano e de 23,43% em 12 meses. <https://portal.fgv.br>.

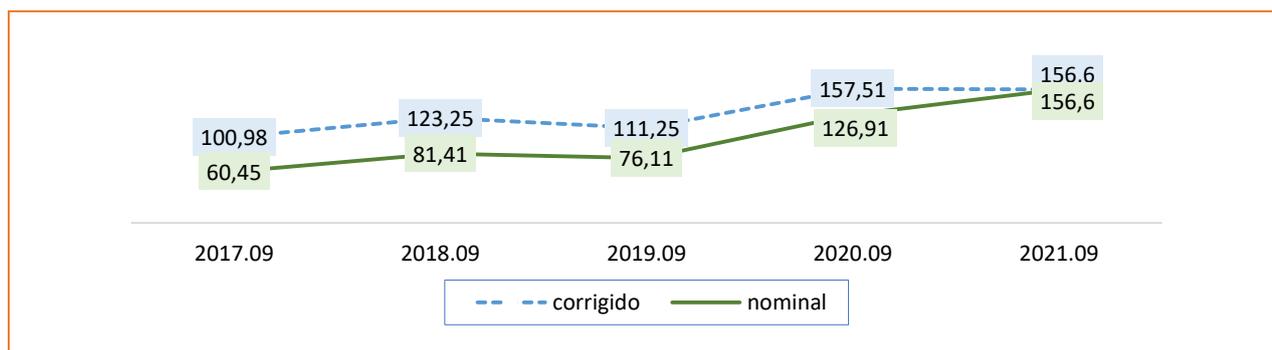


Figura 2. Soja em grão – Preços: preço médio mensal em setembro (09), de 2017 a 2021 – Preços nominais e corrigidos pelo IGP-DI

Fonte: Epagri, Cepsa.

Safra 2021/22

Para a safra 2021/22 a estimativa inicial é de um aumento de 4% da área cultivada no estado em relação à safra anterior. A recuperação da produtividade aliada ao aumento da área deverá elevar a produção em 12,2%, alcançando, assim, cerca de 2,55 milhões de toneladas. Este prognóstico se refere a primeira safra, de verão. Desde 2020 o acompanhamento da safra realizado pela Epagri/Cepsa separou as estimativas da primeira e segunda safras de soja no estado. Na safra anterior foram cultivados cerca de 42 mil hectares na segunda safra. Portanto, considerando a projeção, incluindo a área de cultivo da segunda safra, poderemos ter cerca de 725 mil hectares cultivados com a oleaginosa no estado. As estimativas (Figura 1) se referem as estimativas iniciais e são atualizadas todos os meses pela equipe da Epagri-Cepsa ao longo da safra. Destaca-se a elevação da área na região de Concórdia e Tubarão. Na microrregião de Concórdia, a expansão da área cultivada é explicada em pela incidência de cigarrinha no milho na última safra. Os produtores procuram a rotação de cultura como prática de manejo para evitar possíveis infestações. Em Chapecó e São Miguel do Oeste, o fato também justifica a elevação da área cultivada de soja sobre as de milho. Em Tubarão o aumento de área é sobre áreas antes cultivada com arroz. A ampliação do cultivo da oleaginosa também ocorre sobre áreas novas de cultivo (pastagens degradadas e até em áreas de reflorestamento de pinus e eucalipto), motivadas pelos preços da commodity desde 2020.

Tabela 1. Soja – Santa Catarina: Área de cultivo, produção e produtividade na safra 2020/21 e comparativo com a safra 2021/22 – Relatório de outubro, 2021 – estimativa inicial da safra de verão/primeira safra

MRG	Safra 2020/21			Safra 2021/22			Variação %		
	Área (ha)	Quant (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Quant. (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Quant.	Prod.
Araranguá	730	2.265	3.103	740	2.511	3.393	1,4	9,3	10,8
Campos de Lages	67.930	227.984	3.356	67.930	228.704	3.367	0,0	0,3	0,3
Canoinhas	140.600	469.310	3.338	146.200	551.156	3.770	4,0	12,9	17,4
Chapecó	78.620	239.321	3.044	85.490	290.121	3.394	8,7	11,5	21,2
Concórdia	6.170	21.501	3.485	7.415	28.241	3.809	20,2	9,3	31,3
Criciúma	4.440	14.318	3.225	4.440	15.505	3.492	0,0	8,3	8,3
Curitibanos	111.220	434.811	3.909	113.495	470.988	4.150	2,0	6,1	8,3
Ituporanga	8.350	27.593	3.305	8.780	32.244	3.672	5,1	11,1	16,9
Joaçaba	53.070	188.524	3.552	56.132	210.364	3.748	5,8	5,5	11,6
Rio do Sul	5.695	18.425	3.235	5.970	20.718	3.470	4,8	7,3	12,4
São Bento do Sul	11.800	35.070	2.972	12.400	42.380	3.418	5,1	15,0	20,8
São Miguel do Oeste	34.515	111.894	3.242	37.248	141.693	3.804	7,9	17,3	26,6
Tubarão	650	1.911	2.940	1.450	4.870	3.358	123,1	14,2	154,8
Xanxerê	133.273	483.858	3.631	135.643	516.072	3.805	1,8	4,8	6,7
Total geral	657.063	2.276.786	3.465	683.333	2.555.566	3.740	4,0	7,9	12,2

Fonte: Epagri/Cepsa, Sistema de Informações Agropecuária.

Exportações do complexo soja por Santa Catarina em 2021 (de janeiro a setembro).

As exportações do complexo soja nos últimos três anos ficaram próximas de 2 milhões de toneladas. Já, em 2021 (até setembro) foram embarcadas 1,26 milhão de toneladas, evidenciando um ritmo mais lento, que está associado a paralização das atividades portuárias na China (setembro/outubro). A composição das exportações do complexo soja por Santa Catarina de janeiro a setembro de 2021 (Figura 4 - Tabela) indica que o item soja em grão corresponde a 97% do total do complexo soja e, cerca de 82% das exportações tem como destino a China.

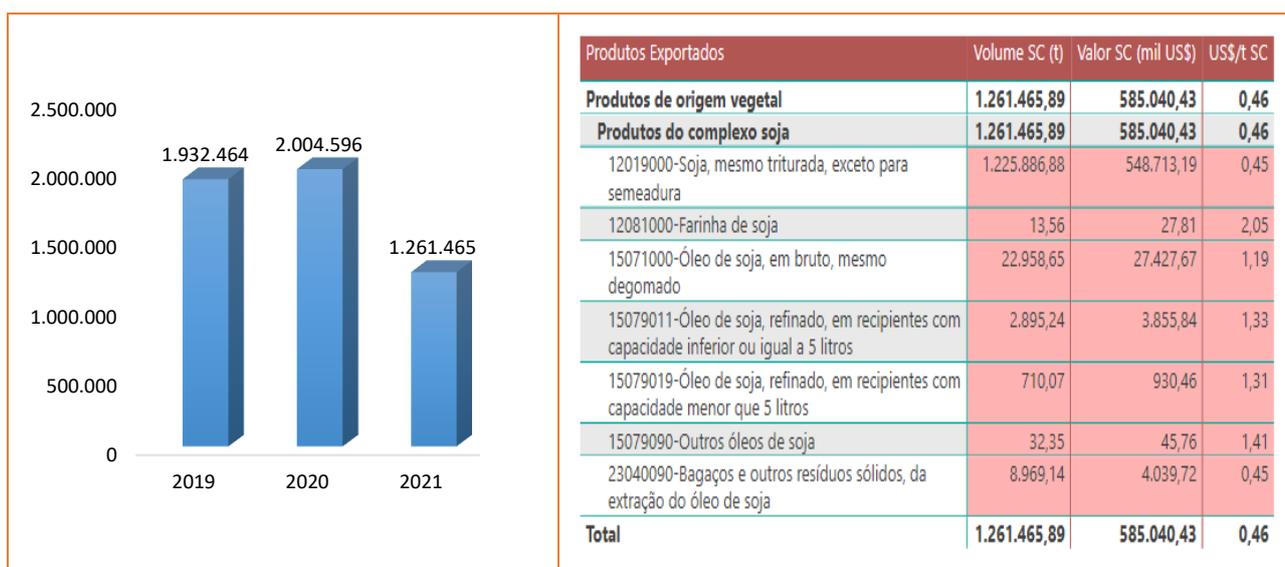


Figura 3. Soja – Exportações do complexo soja por Santa Catarina – 2019 a 2021 (janeiro a setembro, Gráfico) – Composição das exportações do complexo soja (janeiro a setembro, Tabela)

Fonte: ME. Secex. Consulta em 14/10/2021. Elaboração Epagri/Cepa.

Safra Nacional⁶

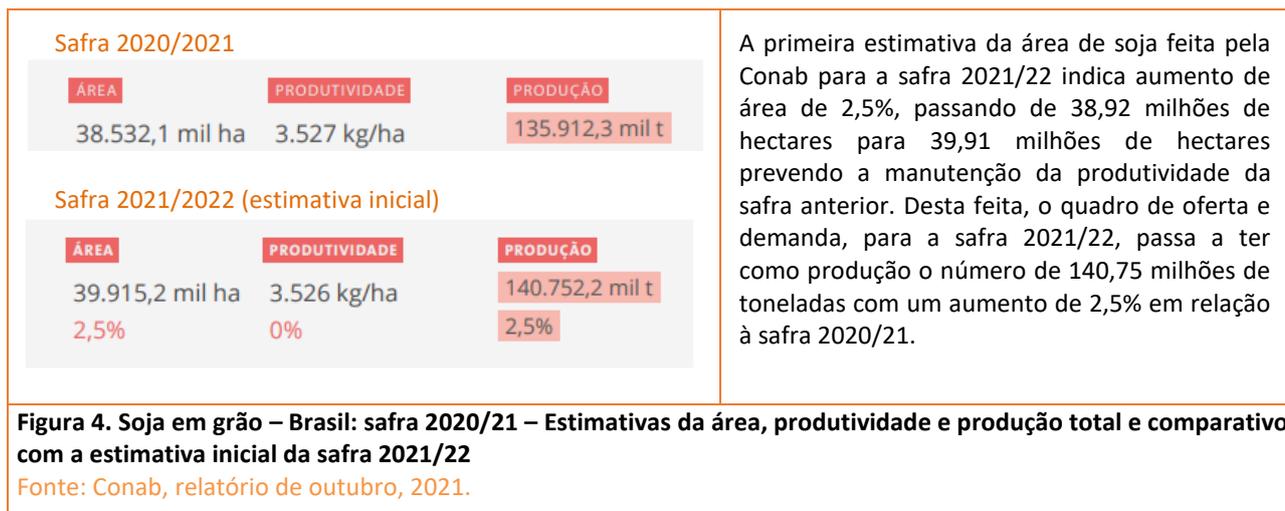


Figura 4. Soja em grão – Brasil: safra 2020/21 – Estimativas da área, produtividade e produção total e comparativo com a estimativa inicial da safra 2021/22

Fonte: Conab, relatório de outubro, 2021.

⁶ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.9 – safra 2021/22, nº1 – Primeiro levantamento | outubro 2021.

Mercado Internacional⁷

Os preços de exportação de setembro para a soja dos EUA caíram 2% evidenciando um ritmo mais lento das vendas e aumento de suprimentos internos. Isso contrasta com a América do Sul, onde os preços se fortaleceram à medida que a oferta diminuiu após a colheita. As tendências de preços de outubro mostram quedas adicionais para a soja ou para o preço da soja dos EUA. O relatório do USDA sobre a elevação dos estoques mundiais (final de setembro) fortalece este indicativo. Quedas semelhantes de preços foram observadas no Brasil na desaceleração da demanda da China, enquanto os preços na Argentina estão mantendo-se firme nas vendas recentes para a China. Contudo, as informações de novos embarques de exportações de soja e a reabertura do mercado Chinês podem elevar as cotações da commodity em Chicago, como aconteceu na semana até dia 15 de outubro, quando alcançou a cotação de U\$12,18 o buschel, contrato de novembro, elevação também para a posição de janeiro de 2022⁸. As cotações do petróleo no mercado internacional também influenciam os preços da soja neste período de crise energética mundial.

⁷ USDA. Oilseeds: World Markets and Trade. Foreign Agricultural Service/ 4. October. 2021.

⁸ <https://valor.globo.com/agronegocios/noticia/2021/10/15/commodities-demanda-e-clima-nos-eua-puxam-alta-dos-graos-em-chicago.ghtml>

Trigo

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
 joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em setembro, as cotações de balcão (valor pago ao produtor) para o trigo no mercado catarinense tiveram variação negativa de 0,14% em relação ao mês de agosto, fechando o preço médio mensal em R\$ 84,98/saca de 60 kg. A variação anual de preços nesse período, em termos nominais, para o mercado catarinense, foi 41,16% superior ao preço médio praticado em setembro de 2020. O comportamento baixista dos preços da saca de trigo, também foi observado nos demais estados acompanhados.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Set./21	Ago./21	Variação mensal (%)	Set./20	Variação anual (%)
Santa Catarina	84,98	85,10	-0,14	60,20	41,16
Paraná	87,59	87,75	-0,18	62,05	41,16
Mato Grosso do Sul	86,05	87,25	-1,38	61,14	40,74
Goiás	99,18	92,00	7,80	72,14	37,48
Rio Grande do Sul	81,49	82,13	-0,78	58,43	39,47

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS), outubro/2021.

Os elevados preços neste início de colheita da safra, em comparação a safra 2020/21, é reflexo do bom momento por que passa o agronegócio brasileiro. Com os produtos de exportação em alta, em função do dólar elevado, produtores conseguiram se capitalizar na safra passada e continuam resistentes em comercializar sua produção a preços inferiores aos praticados até esse momento. Por outro lado, os compradores e moinhos estão cautelosos em fazer novas aquisições, pois não estão conseguindo repassar essa diferença para os derivados de trigo.

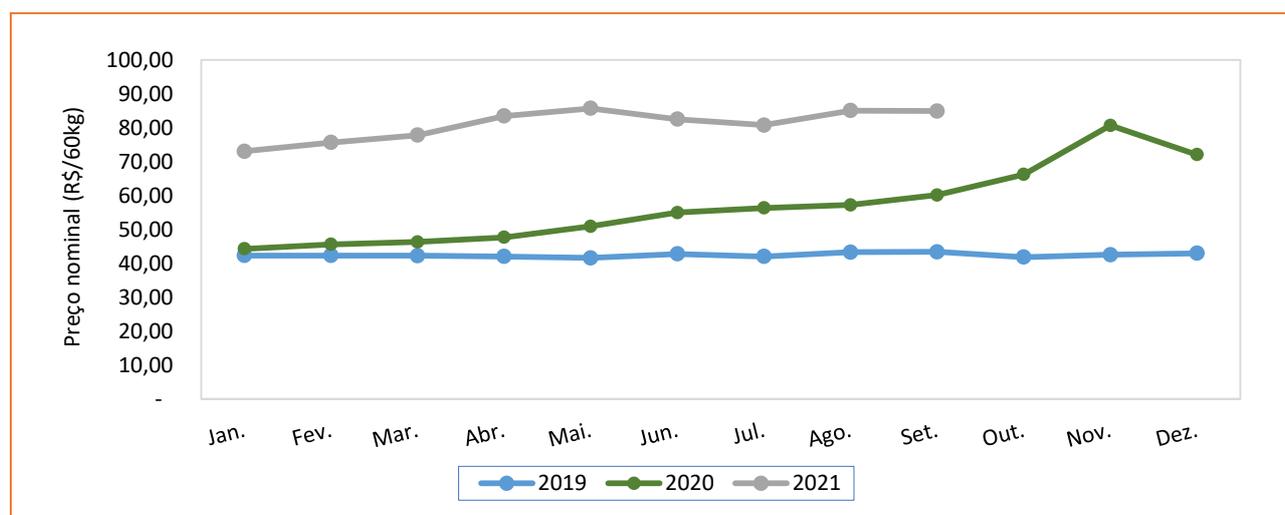


Figura 1. Trigo – SC: evolução do preço médio mensal nominal ao produtor – (jan./2019 a set./2021)

Fonte: Epagri/Cepa (SC), outubro/2021.

Pesquisa publicada no site da ABIMAPI-Associação Brasileira das Indústrias de Biscoitos, Massas Alimentícias e Pães & Bolos Industrializados, apresentam dados estatísticos das variações percentuais dos últimos 12 meses (atualizada até agosto/2021). Segundo o estudo, enquanto o preço da matéria prima (trigo grão) para os moinhos subiu 38%, a farinha de trigo subiu apenas 20%. Segundo a consultoria Trigo e Farinhas, os moinhos vinham obtendo ganhos interessantes na venda do farelo de trigo, que tinha subido 56% no período. Com a forte queda dos preços do farelo neste mês de outubro, os moinhos já demonstram preocupação, pois estão tendo dificuldades em repassar preços ao setor varejista.

Safra nacional

Segundo dados da Conab, até o último dia 04 de outubro, 22,6% da área destinada ao plantio de trigo em todo país (7 estados) já havia sido colhida. Da produção que está a campo, 32,1% encontra-se em fase de enchimento de grãos; 24,2% em maturação; 18,4% em floração e 2,6% em desenvolvimento vegetativo. Ainda segundo a entidade, no estado do Paraná, a colheita já alcança 36% da área total. As geadas e a restrição hídrica reduziram o potencial produtivo da cultura. No Rio grande do Sul, registros de ventos fortes causaram acamamento em algumas lavouras e os produtores acompanham a incidência de Giberela. Em Goiás, houve um bom rendimento nas lavouras irrigadas, mas as de sequeiro foram prejudicadas pela seca. No Mato Grosso do Sul, as geadas e a estiagem reduziram a produtividade.

A Conab revisou os números relativos ao quadro de oferta e demanda. No que se refere à produção, a previsão é que deveremos colher 8,2 milhões de toneladas, ante 6,2 milhões de toneladas colhidos na safra anterior, apresentando um incremento de 31,4%. Também foi revisada a previsão do consumo, sendo esperado um incremento de 3,8%, passando de 11,9 milhões de toneladas consumidos na safra 2020, para 12,3 milhões de toneladas para a safra 2021.

Tabela 2. Trigo Grão – BR: quadro de oferta e demanda (1.000 toneladas)

Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque Final
2018	2.037	5.428	6.753	14.218	12.436	583	1.199
2019	1.199	5.155	6.677	13.030	12.461	342	227
2020 ⁽¹⁾	627	6.235	6.007	12.869	11.899	823	147
2021 ⁽²⁾	147	8.191	6.000	14.338	12.346	900	1.092

⁽¹⁾estimativa. ⁽²⁾previsão.

Fonte: Conab, outubro/2021.

Safra Catarinense

Em Santa Catarina, em nossas atualizações mensais das estimativas de safra, mais uma vez tivemos incremento de área plantada. Até o momento, é estimado o aumento de 74% na área plantada, sendo os bons preços pagos aos produtores, associados aos incentivos do governo estadual ao cultivo de cereais de inverno, os fatores determinantes para tal incremento. Atualmente, 80,79% das lavouras de trigo alcançaram a fase de florescimento, 17,84% encontra-se em fase de maturação e, apenas 1,37% estão em desenvolvimento vegetativo.

Os períodos de chuvas intercalados com estiagens têm sido o padrão desta safra. Até o momento, tal cenário não parece afetar o rendimento médio das lavouras de trigo, mas há uma preocupação com o excesso de chuvas e ventos fortes, especialmente nas lavouras em fase de florescimento e enchimento de grãos. Tal situação é observada praticamente em todas as regiões produtoras de trigo, onde em algumas lavouras de variedade de porte alto, foi possível observar acamamento de plantas pela ocorrência de vento fortes dificultando, ou até mesmo inviabilizando a colheita de algumas glebas. Até o momento, a expectativa é de um aumento de 16% na produtividade média estadual, em comparação à safra passada.

O clima ameno e úmido, também tem favorecido o surgimento de doenças fúngicas, como a Giberela. Diante dessa condição, produtores estão atentos e intensificam os tratamentos culturais com as aplicações de

fungicidas. Mesmo diante dessas adversidades, de maneira geral, as condições são favoráveis para a obtenção de uma excelente safra. A estimativa é que deveremos colher a maior safra de trigo dos últimos 10 anos de monitoramento, com a produção de 348 mil toneladas, incremento de 102% em relação à safra anterior.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre a safra 2020/21 e estimativa safra 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área	Produção	Produt.
Campos de Lages	634	1.285	2.027	2786	7.635	2.740	339	494	35
Canoinhas	13.300	46.780	3.517	21.800	78.776	3.614	64	68	3
Chapecó	13.493	35.785	2.652	25.082	79.229	3.159	86	121	19
Concórdia	1.121	3.355	2.993	1.810	6.468	3.573	61	93	19
Curitibanos	9.040	29.212	3.231	14.320	59.994	4.190	58	105	30
Ituporanga	781	2.032	2.601	1.940	5.259	2.711	148	159	4
Joaçaba	3.987	9.779	2.453	6.166	23.062	3.740	55	136	52
Rio do Sul	250	605	2.420	1060	2.980	2.811	324	393	16
São Bento do Sul	700	2.310	3.300	1.350	4.790	3.548	93	107	8
São M. do Oeste	4.595	11.870	2.583	8.020	23.540	2.935	75	98	14
Xanxerê	10.531	29.065	2.760	17.450	56.270	3.225	66	94	17
Santa Catarina	58.432	172.079	2.945	101.784	348.003	3.419	74	102	16

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2021.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiguigel@epagri.sc.gov.br

O alho em Santa Catarina é produzido em pequenas propriedades, principalmente por agricultores familiares, que de acordo com o IBGE (2017) são mais de 3.600 estabelecimentos que se dedicam à produção comercial da cultura. A atividade é desenvolvida basicamente usando intensivamente a mão-de-obra familiar e contratação eventual nos períodos de maior pico de serviços, como no plantio e na colheita da hortaliça. Estas características do sistema de produção do alho catarinense apontam para uma atividade de alto interesse socioeconômico para o estado devido ao valor da produção e aos milhares de postos de trabalho gerados na cadeia produtiva. Nesse sentido, é fundamental a manutenção e ampliação de políticas públicas em apoio à cadeia produtiva como o crédito rural, a assistência técnica, Proagro e Seguro Rural, levando em conta a necessidade de manter a atividade competitiva no mercado, tendo em vista a forte expansão da produção que vem ocorrendo nos estados do centro do país, como Minas Gerais e Goiás, que pode afetar a competitividade do produto catarinense.

Preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira semana de setembro a R\$14,78/kg, apresentando aumento de 7,18% em relação ao início do mês de agosto, contudo, fechou o mês de setembro cotado a R\$15,09/kg, representando aumento de 2,03% no mês. No mesmo período, o alho classe 6 passou de R\$16,39/kg para R\$16,55/kg, representando aumento de 0,98%, e o alho classe 7 fechou setembro ao valor de R\$17,90/kg, redução de 0,56% no mês.

Na primeira semana de outubro, os preços no atacado, para todas as classes do alho roxo nacional, tiveram aumento de preços em relação ao final do mês de setembro com variação de 2,25% para o alho classe 5, 2,17% para o alho classe 6 e 4,90% para o alho classe 7.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4/5 e 6/7 apresentaram estabilidade nos preços desde o início do mês de setembro sendo comercializados, respectivamente, alhos 4 e 5 a R\$15,00/kg, classe 6-7, a R\$16,00/kg

Produção

A safra catarinense de alho 2021/22 se apresenta em desenvolvimento vegetativo no estágio de diferenciação, formação dos bulbos e, na microrregião de Curitiba, aproximadamente 90ha da área plantada se encontra no início da maturação, significando aproximadamente 4,1% da área plantada em Santa Catarina.

As condições climáticas reinantes nas principais regiões produtoras do estado, como Joaçaba e Curitiba foram favoráveis ao bom desenvolvimento até o início do mês de outubro. Porém, com o aumento das precipitações nas últimas semanas há a preocupação com a presença de doenças e a intensificação do uso de tratamentos fitossanitários e consequente aumento do custo de produção, bem como com a qualidade do bulbo produzido.

Em relação à área plantada no estado, segundo o acompanhamento sistemático do projeto safras da Epagri/Cepa, não houve alteração desse agosto quando os números foram consolidados, sendo 1.758ha

plantado no estado com crescimento de 2,32% em relação à estimativa inicial da safra que era de um plantio de aproximadamente 1.720ha. As expectativas de produção para a hortaliça em Santa Catarina para esta safra, segundo dados do acompanhamento do projeto safras da Epagri/Cepa é de uma colheita de 17.949,4 toneladas e com um rendimento médio esperado de 10.210 kg/ha.

Comércio exterior

Em setembro de 2021 foram importadas apenas 2,53 mil toneladas de alho, o menor volume mensal para o mês, dos últimos cinco anos, questão que se repete desde julho do corrente ano. Em relação às importações no período que compreende os meses de janeiro a setembro desse ano, os volumes somam 105,87 mil toneladas, enquanto que no mesmo período do ano de 2020 o volume importado foi de 141,45 mil toneladas, redução de 33,60% em relação ao mesmo período do ano passado, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan./2017 a set./2021 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,51
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	3,25	2,53	-	-	-	105,87

Fonte: Comexstat/ME: outubro/2021.

Com relação ao preço médio (FOB) do alho importado em setembro, houve redução em relação ao mês de setembro, passando de US\$1,25/kg, para US\$1,16/kg conforme exposto na figura 1.

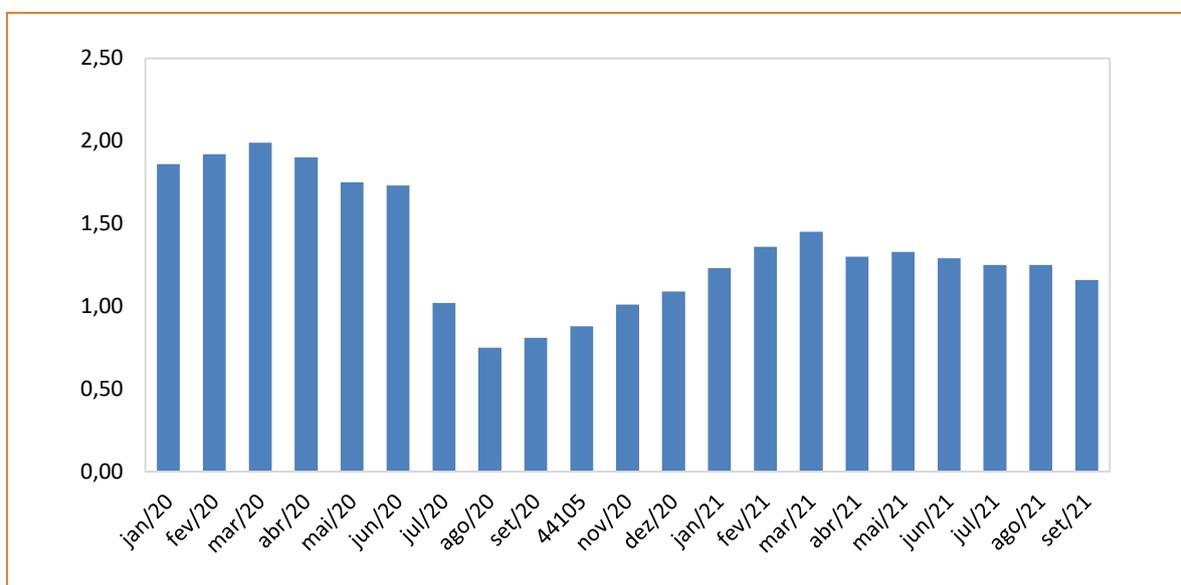
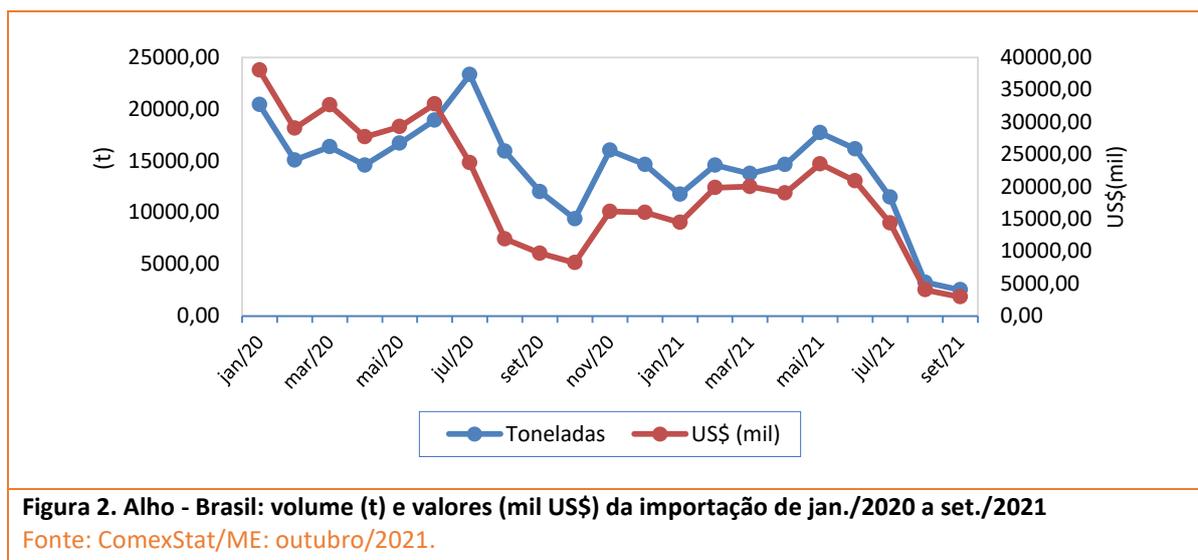


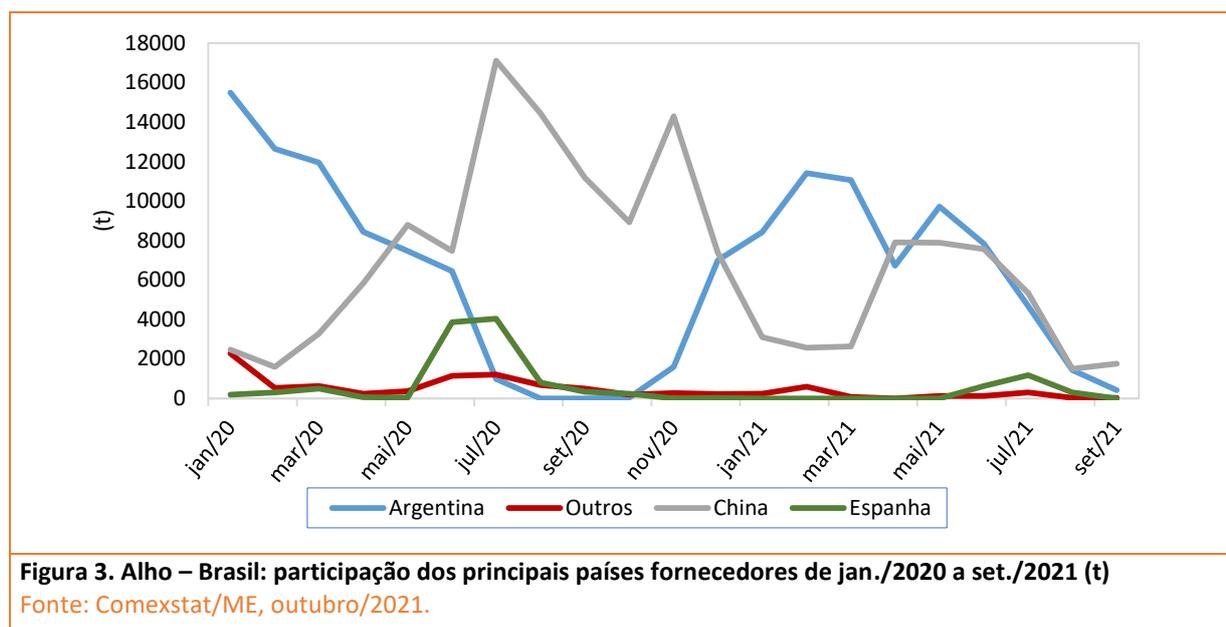
Figura 1. Alho - Brasil: evolução do preço médio (FOB) de importação – jan./2020 a set./2021 (US\$/kg)

Fonte: ComexStat/ME: outubro/2021.

Na Figura 2 apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal pelo Brasil, no período de janeiro de 2020 a setembro de 2021. O desembolso com a importação da hortaliça no mês de setembro/21 foi de US\$2,94 milhões (FOB), redução de 37,54% em relação a agosto quando foram gastos US\$ 4,05 milhões. O volume importado passou de 3,25 mil toneladas para 2,53 mil toneladas, redução de 28,45% no mesmo período.



Os fornecedores de alho para o Brasil no mês de setembro/21 foram a China, que participou com 1,76 mil toneladas, representando 69,7% do total importado, a Argentina, com 0,42 mil toneladas, 16,7% do total, a Espanha, com 0,32 mil toneladas, 12,55% do total e outros países com 0,025 mil toneladas significando apenas 0,99% do total, como indica Figura 3.



Em Santa Catarina está em curso articulação para a implantação da Indicação Geográfica do alho roxo que é bem-vinda em função de proporcionar o resgate histórico da cultura no estado e, sobremaneira, promove a valorização de atributos específicos que a hortaliça apresenta em Santa Catarina. Por outro lado, há que se voltar uma atenção especial para a necessidade que a cadeia produtiva do alho se articule e fortaleça a necessidade de elaboração de um plano estadual para a cultura em Santa Catarina, de forma a aglutinar esforços e recursos com o objetivo de superar gargalos, seja na área da pesquisa, assistência técnica no manejo de solo e da cultura em geral, bem como soluções para maior automação e uso de máquinas para certas atividades, como a alta demanda de mão-de-obra no plantio, colheita e preparo dos bulbos pós-colheita, por exemplo, dentre outras. Desta forma, se imagina que a cadeia produtiva do alho catarinense possa se manter competitiva diante de um mercado que cada vez mais exige maior escala de produção associada à qualidade e segurança alimentar para o consumidor.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A safra catarinense de cebola se encontra em desenvolvimento vegetativo e em formação dos bulbos. As condições climáticas reinantes até o final do mês de setembro foram muito favoráveis para a cultura em Santa Catarina. O mês de outubro apresenta aumento das chuvas, que se estende por períodos mais longos, fato que contribui com alterações no quadro fitossanitário da hortalíça permitindo o aparecimento de doenças foliares. Quando isso ocorre, se faz necessário a intervenção dos produtores com a aplicação de produtos para conter o avanço de doenças nas lavouras. Mesmo com a mudança ocorrida nas últimas semanas, que podem afetar o desempenho produtivo da cultura em Santa Catarina, o estado deve se manter como o maior produtor nacional de cebola, cuja área plantada nesta safra é de 17.458ha e uma produção estimada de aproximadamente 500 mil toneladas.

Preços e Mercado

O abastecimento do mercado nacional de cebola nos últimos meses foi viabilizado pela produção das regiões de São Paulo, Cerrado e Triângulo Mineiro. No mês de setembro, a grande oferta do produto, associado a qualidade que foi afetada pelas condições climáticas das regiões produtoras como o déficit hídrico e altas temperaturas que contribuíram para a formação de bulbos de menor calibre, característica que deprecia o produto no mercado e, assim mantendo os preços ao produtor abaixo do custo de produção de forma geral. Também contribuiu para a conjuntura negativa no mercado nacional de cebola a paralização dos caminhoneiros que ocorreu até o final da primeira quinzena do mês.

Dessa forma, em setembro, os preços pagos aos produtores nas regiões produtoras do Cerrado Mineiro, São Paulo e Nordeste tiveram redução em relação aos preços praticados no mês de agosto. Em São Jose do Rio Pardo (SP), por exemplo, o preço pago ao produtor no fechamento do mês de setembro foi de R\$0,37/kg. Muito abaixo do custo de produção, seguramente.

Na Ceagesp/SP, o mês de setembro iniciou com preço da cebola média a R\$1,55/kg, valor que representa aumento de 10,71% em relação aos preços praticados no início de agosto, que foi de R\$1,40/kg e fechando o mês novamente a R\$ 1,40/kg.

O mês de outubro iniciou com pequeno aumento de preços no atacado paulista para a cebola média nacional, atingindo no dia 01/10 o valor de R\$1,41/kg, isto é, praticamente estável em relação ao mês anterior.

Na Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de setembro iniciou com preço de atacado para a cebola nacional a R\$1,40/kg, isto é, mantendo o mesmo preço em relação ao início do mês de agosto. A partir do início da segunda quinzena, os preços tiveram redução de 3,7%, passando a R\$1,35/kg e fechando o mês a R\$1,25/kg, redução de 12% em relação ao início do mês. No mesmo período a cebola importada da Argentina permaneceu com preço estável, sendo comercializada a R\$2,25/kg, mesmo valor do mês de agosto.

Safra Catarinense

Conforme dados do acompanhamento de campo do projeto safras da Epagri/Cepa, a safra catarinense de cebola 21/22, se encontra em pleno desenvolvimento. No mês de agosto foram ajustadas as estimativas de produção para a safra 21/22, cujos números apontam o plantio de 17.458ha, redução de 0,54% em relação

à estimativa inicial que era de 17.553ha. Sob o ponto de vista da produção esperada, os dados indicam um aumento de 0,92%, passando de 499,65mil toneladas para 504,26 toneladas questão que se manteve no mês de setembro.

Porém o mês de outubro iniciou com a ocorrência de chuvas prolongadas no estado propiciando condições para o desenvolvimento de pragas e doenças que podem afetar de alguma forma a produção da safra catarinense. Ainda é cedo para uma avaliação mais precisa da situação, mas as informações de campo apontam a preocupação dos produtores com a situação. Nesse sentido, os relatos de campo dão conta da intensificação nos tratamentos fitossanitários que os produtores estão tendo que realizar no tratamento de pragas e doenças que se manifestaram nas lavouras. Com isso, há sem dúvida, aumento no custo de produção em todas as regiões produtoras.

Importação

De acordo com os dados do Siscomex/ME, em 2020, o Brasil importou 197,7 mil toneladas de cebola, volume 6,51% menor que no ano de 2019. O período do ano em que, normalmente há maior volume de entrada de cebola estrangeira no país são os meses de março, abril, maio e junho. Nesse ano, com devido à elevada oferta do produto nacional, associada ao câmbio elevado, desde o mês de maio há significativa redução da importação. Os volumes importados de janeiro a setembro do corrente ano somam 115,07 mil toneladas, redução de 82.683 toneladas em relação ao mesmo período do ano passado, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2018 a setembro de 2021 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	417	6.549	22.546	37.380	34.323	14.422	162	115	115	230	491	1.136	117.886
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640,51	197.756
2021	910,8	14.808	26.040	46.934	22.833	2.966,32	194,80	168,00	218,43	-	-	-	115.073

Fonte: ComexStat/ME, outubro/2021.

Historicamente o Brasil é um mercado importante para a produção de cebola para alguns países, notadamente a Argentina, Chile e Países Baixos como podem ser visto na tabela 2. Nela apresentamos os principais países fornecedores da hortaliça no ano de 2020 e de janeiro a setembro de 2021, com os respectivos volumes e valores totais em US\$ (FOB).

Em 2020 destacam-se, a Argentina, com volume de 155,09 mil toneladas, perfazendo 78,43% do total importado, Chile, com 23,14 mil toneladas, 11,70% do total e os Países Baixos com 14,3 mil toneladas, perfazendo 7,23% do total importado

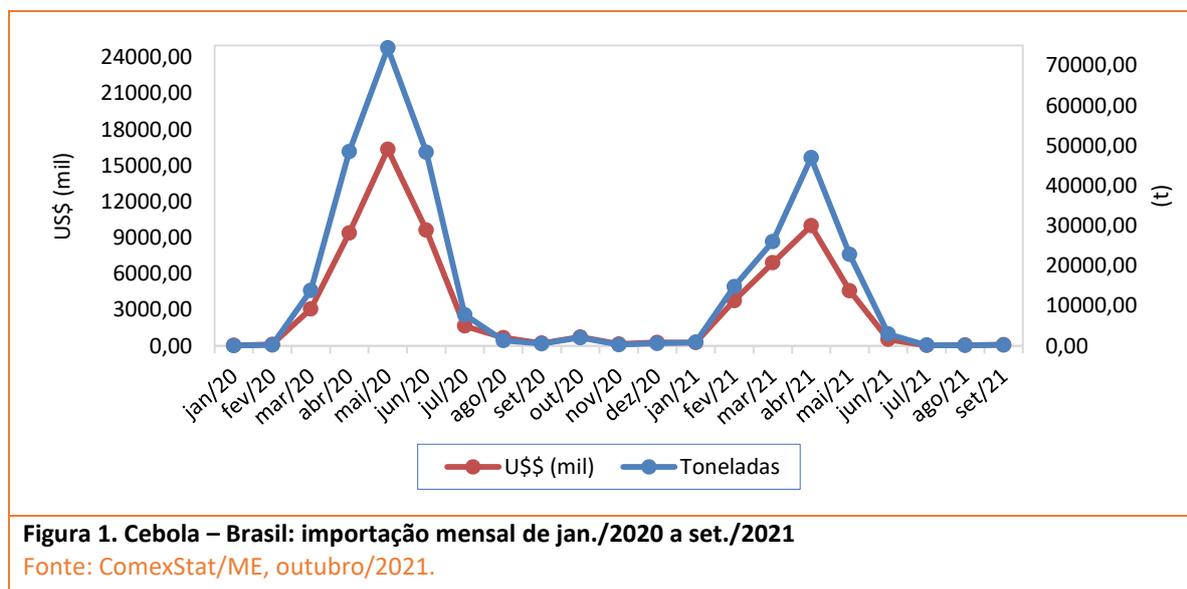
Em 2021, importamos dos vizinhos argentinos até setembro, 98,06 mil toneladas, 85,21% do volume total. A seguir vem os Países Baixos com 8,65 mil toneladas, 7,52% do total e o Chile com 7,15 mil toneladas significando 6,22% do total. O preço médio (FOB) em 2020 foi de US\$0,21/kg e em 2021, se mantém em US\$0,22/kg, aumento de 4,7% em relação à média do ano passado.

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2020 e 2021 (janeiro a setembro)

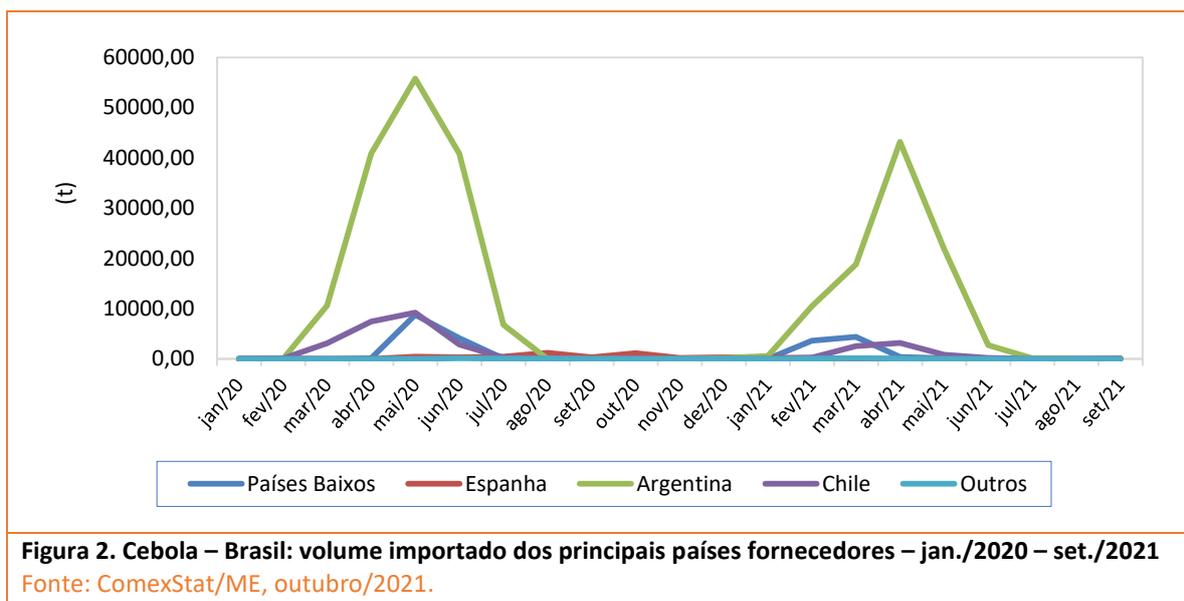
Países	2020		2021	
	(mil US\$) FOB	Volume (t)	(mil US\$)	Volume (t)
Argentina	26.244,2	155.098,9	19.162,26	98.060,52
Chile	8.782,1	23.142,5	2.888,34	7.155,42
Países Baixos	4.976,5	14.301,9	3.161,48	8.651,10
Espanha	2.080,8	4.751,5	409,52	820,46
Nova Zelândia	118,2	234,0	58,3	104
Uruguai	0,00	0,00	84,93	224,55
Peru	49,5	122,0	0,00	0,00
Reino Unido	29,6	78,0	0,00	0,00
Bélgica	11,0	28,0	0,00	0,00
Total	42.291,9	197.756,7	25.764,83	115.073,35

Fonte: ComexStat/ME, outubro/2021.

Em setembro foram importadas apenas 0,218 mil toneladas de cebola, aumento de 30,01% em relação a agosto, quando foram importadas 0,168 mil toneladas, volumes que não chegam a impactar no mercado da hortaliça, a princípio. Nesse sentido, embora o câmbio elevado favorece a produção nacional, nesse momento é a elevada oferta da produção brasileira que tem segurado os preços ao produtor abaixo do custo de produção no país. Nesse ano o desembolso total (FOB) foi de US\$0,10 milhão conforme mostra a (Figura 1).



Os países fornecedores da hortaliça ao Brasil no mês de setembro foram a Espanha, com 0,18 mil toneladas, volume que representa 83,2 % do total, e a Argentina, com 0,036 mil toneladas, 16,8% do total, conforme comportamento das importações apresentado na Figura 2.



Por derradeiro, conforme as informações do acompanhamento sistemático de safras realizado pela Epagri/Cepa, a cultura da cebola na safra 2021/22 em Santa Catarina se desenvolveu até o final do mês de setembro em bom estado fitossanitário, inclusive com pequeno ajuste de elevação da produção total no estado. Porém o mês de outubro iniciou com a presença de chuvas que se alongaram favorecendo o desenvolvimento de pragas e doenças que podem afetar a produção da hortaliça em Santa Catarina. Dessa forma, além da já registrada elevação do custo de insumos em geral, a necessidade de pulverizações mais frequentes irá contribuir para agregar custos adicionais à produção da hortaliça em nosso estado.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas duas primeiras semanas de outubro, os preços do frango vivo apresentaram movimentos distintos nos estados acompanhados. Em São Paulo e no Paraná foram registradas quedas de 2,4% e 0,1%, respectivamente, na comparação com a média do mês anterior. Santa Catarina, por sua vez, apresentou alta de 1,0%. Na comparação com outubro de 2020, as variações são positivas nos três casos: 48,7% em São Paulo, 42,0% no Paraná e 29,6% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,3%, segundo o IPCA/IBGE.

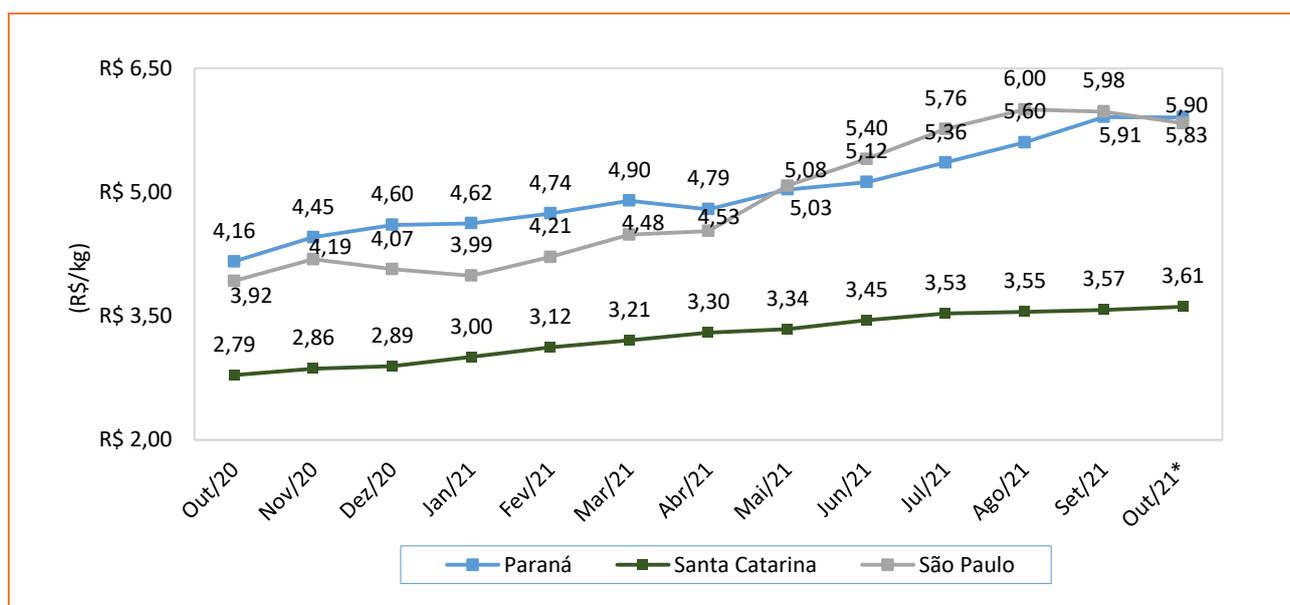


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2021.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Em Santa Catarina, nas primeiras semanas de outubro registraram-se variações nas praças de Chapecó (1,7%) e no Sul Catarinense (1,1%). Em Joaçaba, o preço manteve-se inalterado.

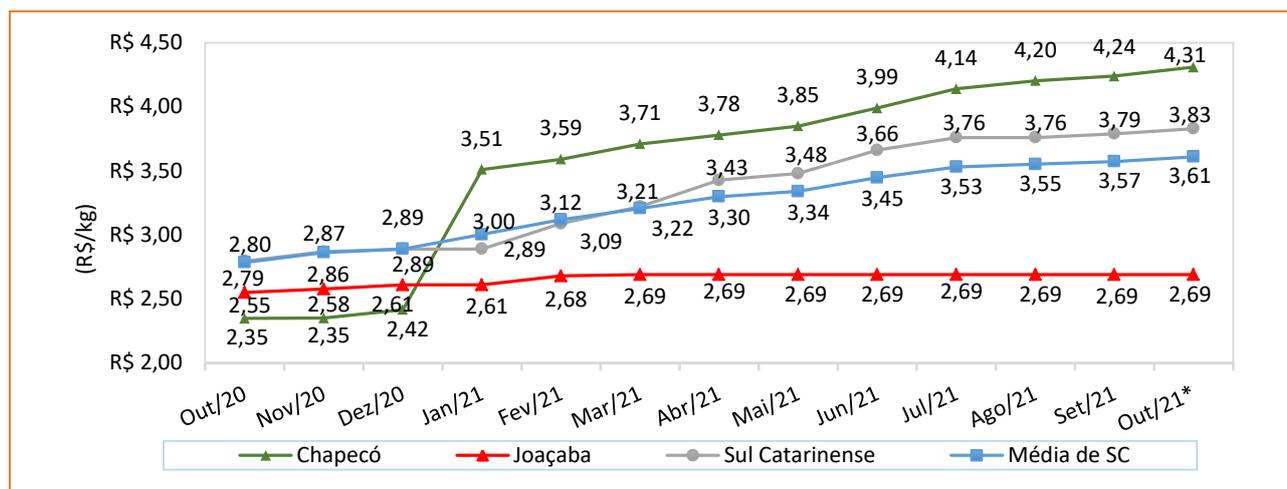


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de outubro, os preços de atacado da carne de frango apresentaram predominância de alta em relação ao mês anterior, assim como vem ocorrendo desde o final do 1º trimestre: frango inteiro congelado (8,2%), peito com osso congelado (7,9%), filé de peito congelado (3,6%) e coxa/sobrecoxa congelada (-1,0%). A variação média foi de 4,7%. A alta acumulada no ano é de 33,3%.

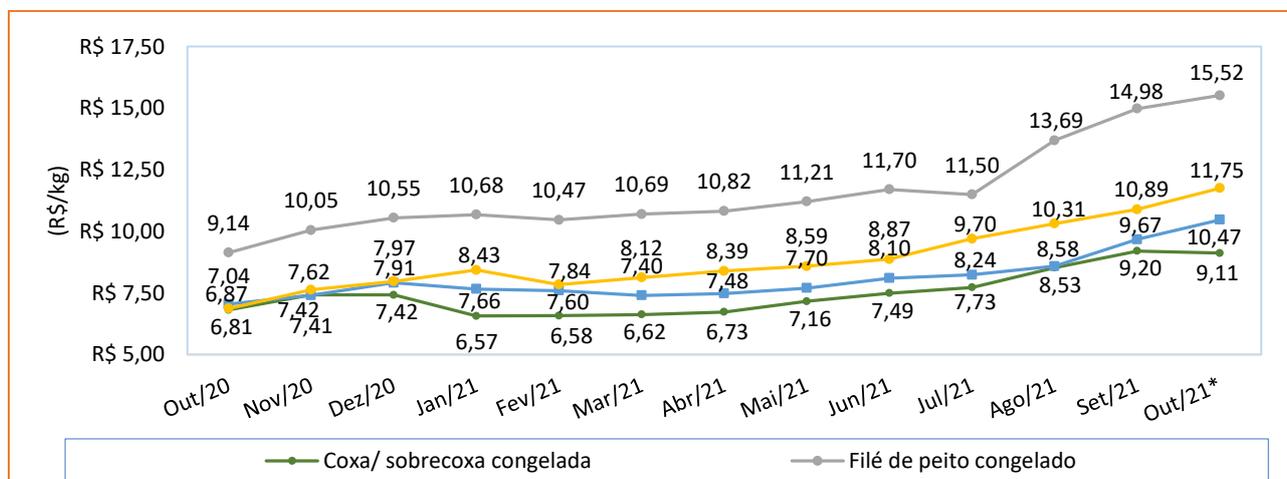


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores preliminares de outubro com aqueles registrados no mesmo mês de 2020, verifica-se que todos os cortes apresentaram altas bastante expressivas: peito com osso (71,1%), filé de peito (69,9%), frango inteiro (48,6%) e coxa/sobrecoxa (33,9%). A variação média no período foi de 55,9%.

De forma geral, a carne de frango apresentou valorização mais expressiva que a carne bovina e suína, resultando em queda na competitividade da mesma em relação às suas eventuais substitutas. De acordo com alguns analistas, tal situação pode levar à redução no consumo de carne de frango. Por outro lado, em relatório divulgado no final de setembro, o Rabobank avalia que a demanda doméstica deve continuar aquecida já que, comparativamente, a proteína ainda é mais barata que as demais.

Vale destacar que, de acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), o Brasil deve produzir cerca de 14,3 milhões de toneladas de carne de frango em 2021, crescimento de cerca de 3,5% em relação às 13,8 milhões de toneladas do ano passado. Parte desse crescimento deve ser destinado às exportações, que apresentam variação positiva em relação a 2020, mas a maior parcela destina-se ao mercado interno.

Custos

Em setembro, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) registrou queda de 2,1% em relação ao mês anterior. Apesar disso, a alta acumulada nos últimos 12 meses é de 32,3%, impulsionada principalmente pelo aumento dos custos com nutrição. No ano, a alta é de 18,4%.

Os custos de grãos usados na ração de aves e suínos devem continuar altos até meados de 2022, segundo recente relatório do Rabobank, elevando custos de produção para os produtores.

Em 23 de setembro, o governo federal editou medida provisória que zera, até 31 de dezembro, os tributos sobre a importação do milho, medida defendida pelo setor de carnes para amenizar a alta nos preços do produto e evitar eventual falta do mesmo no mercado interno. Em abril, o governo brasileiro já havia suspenso uma alíquota do imposto de importação aplicada às compras de milho, soja, óleo e farelo da oleaginosa vindos de países de fora do Mercosul.

Assim como foi observado em setembro, a relação de equivalência insumo-produto voltou a apresentar queda nas primeiras semanas de outubro. A variação em relação ao mês anterior é de -2,7%, decorrente da queda de 1,1% no preço de atacado do milho na praça de Chapecó e da alta de 1,7% no preço do frango vivo na mesma praça. Na comparação com outubro de 2020, o valor atual da relação de equivalência registra queda de 3,8%.

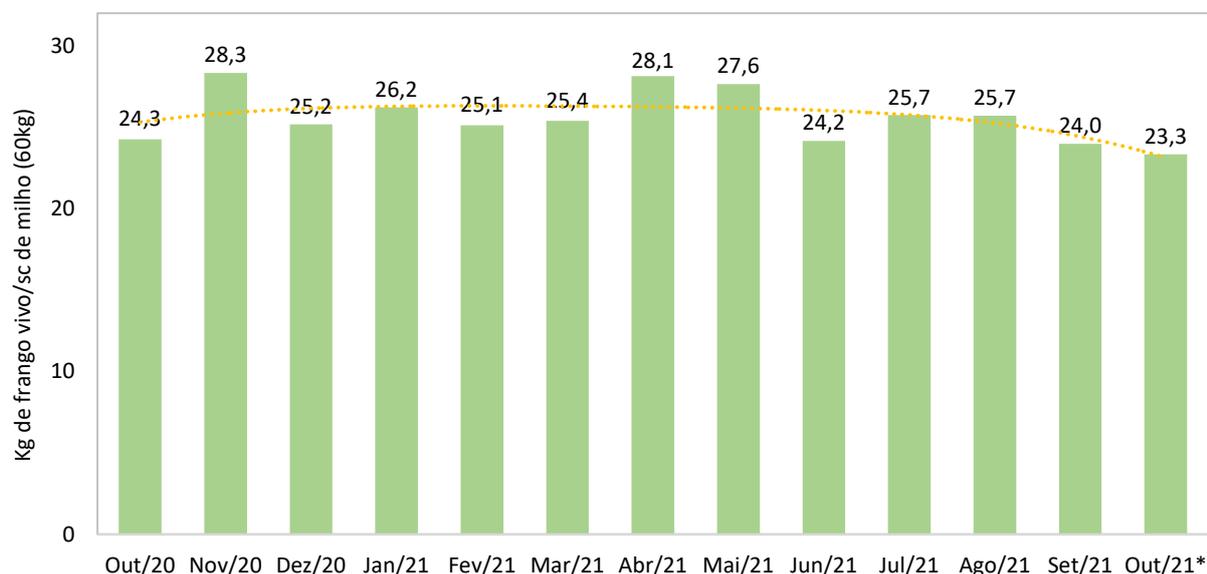


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utilizam-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

* O valor de outubro é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/out./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Em outubro de 2020, o avicultor precisava de 24,3kg de frango vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho (levando em consideração o preço de atacado), montante que caiu para 23,3kg no corrente mês.

Comércio exterior

Em setembro, o Brasil exportou **405,96 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), alta de **10,0%** em relação ao mês anterior e de **21,5%** na comparação com setembro de 2020. As receitas foram de **US\$715,95 milhões**, alta de **7,9%** em relação a agosto e **21,5%** acima de setembro do ano passado.

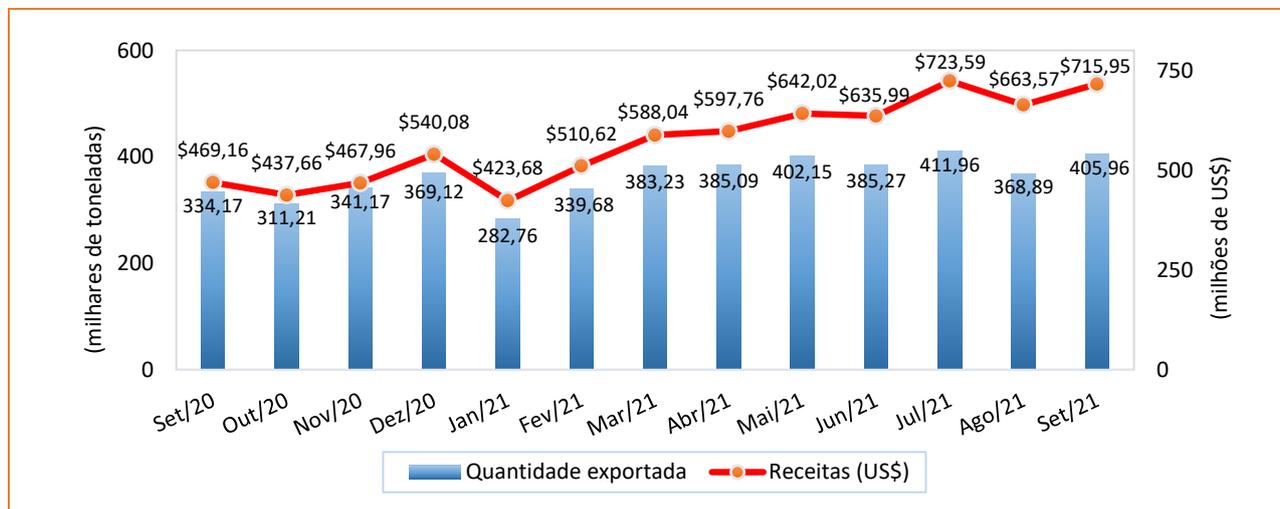


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

De janeiro a setembro, o Brasil exportou **3,36 milhões de toneladas**, com receitas de **US\$5,50 bilhões**, alta de **8,4%** em quantidade e de **21,1%** em valor, na comparação com mesmo período do ano passado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango nos primeiros oito meses do ano foram China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, responsáveis por 50,5% das receitas.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **102,81 mil toneladas** de carne de frango em setembro (*in natura* e industrializada), aumento de **32,3%** tanto em relação ao mês anterior quanto na comparação com setembro de 2020. As receitas foram de **US\$187,49 milhões**, **22,3%** acima do mês anterior e alta de **60,8%** na comparação com setembro de 2020. Esses são os maiores valores mensais registrados desde maio de 2019, tanto em volume quanto em receitas.



Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em setembro foi de **US\$1.755/tonelada**, alta de **8,3%** em relação ao mês anterior, mas alta de **23,2%** na comparação com setembro de 2020.

De janeiro a setembro, Santa Catarina exportou um total de **764,22 mil toneladas**, com receitas de **US\$1,34 bilhão**, alta de **4,1%** em quantidade e de **16,7%** em valor, na comparação com o mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **24,4%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango no ano.

A Tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense neste ano, os quais responderam por 56,5% das receitas e 51,4% da quantidade exportada pelo estado.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a set. de 2021		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	215.896.637,00	116.886
China	149.093.447,00	77.723
Países Baixos (Holanda)	134.266.384,00	56.792
Arábia Saudita	133.918.666,00	71.725
Emirados Árabes Unidos	125.917.795,00	69.700
Demais países	583.503.526,00	371.392
Total	1.342.596.455,00	764.218

Fonte: Comex Stat.

No acumulado de 2021, observou-se aumento no valor exportado para a maioria dos dez principais destinos, com destaque para Japão (15,3%), Arábia Saudita (42,6%) e Emirados Árabes Unidos (44,2%). Também merece menção o expressivo aumento dos embarques para o México (2,259,9%). Somente dois países apresentaram variação negativa nas receitas acumuladas no ano, quando comparadas ao mesmo período de 2020: China (-11,2%) e Singapura (-16,9%).

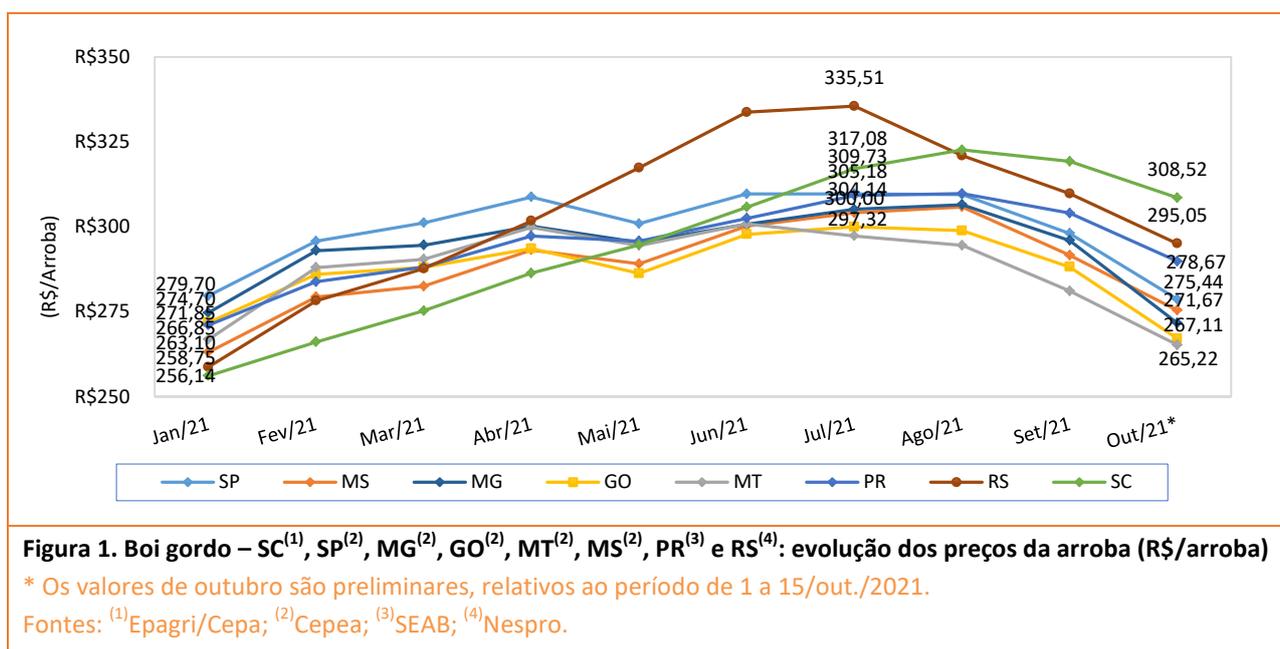
A retomada gradativa das atividades econômicas na maior parte do mundo, em decorrência do avanço da vacinação e consequente controle da pandemia, tem impulsionado a demanda por carne de frango em diversos países importadores.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Dando continuidade ao movimento iniciado no mês anterior, nas duas primeiras semanas de outubro os preços do boi gordo apresentaram quedas em todos os estados acompanhados: -8,2% em Minas Gerais, -7,3% em Goiás, -6,5% em São Paulo, -5,6% no Mato Grosso do Sul, -5,6% no Mato Grosso, -4,7% no Rio Grande do Sul, -4,7% no Paraná e -3,4% em Santa Catarina.



O principal fator responsável por esse cenário é o bloqueio das exportações para a China, destino de mais da metade da carne bovina brasileira exportada, em decorrência da detecção de dois casos de encefalopatia espongiforme bovina (EEB) atípica, no início de setembro. Além disso, a demanda desaquecida no mercado interno, causada pelos preços elevados da carne bovina, e as dificuldades econômicas vivenciadas por grande parte da população, também contribuem com esse processo.

Quando se comparam os preços praticados em outubro de 2020 com os valores atuais, são observadas altas em todos os estados, embora em percentuais menores do que aquelas observados nos meses anteriores: 30,7% em Santa Catarina, 24,6% no Rio Grande do Sul, 17,8% no Paraná, 10,9% no Mato Grosso do Sul, 9,3% em Goiás, 8,1% no Mato Grosso, 7,8% em São Paulo e 7,2% em Minas Gerais. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,3%, segundo o IPCA/IBGE.

As duas praças de referência do preço do boi gordo em Santa Catarina apresentam variações negativas nos preços de outubro, quando comparados ao mês anterior: -5,1% em Chapecó e -6,7% em Lages. Não obstante as quedas nos últimos dois meses, em relação a outubro de 2020, ainda verificam altas significativas nas duas praças: 48,1% em Chapecó e 29,5% em Lages.

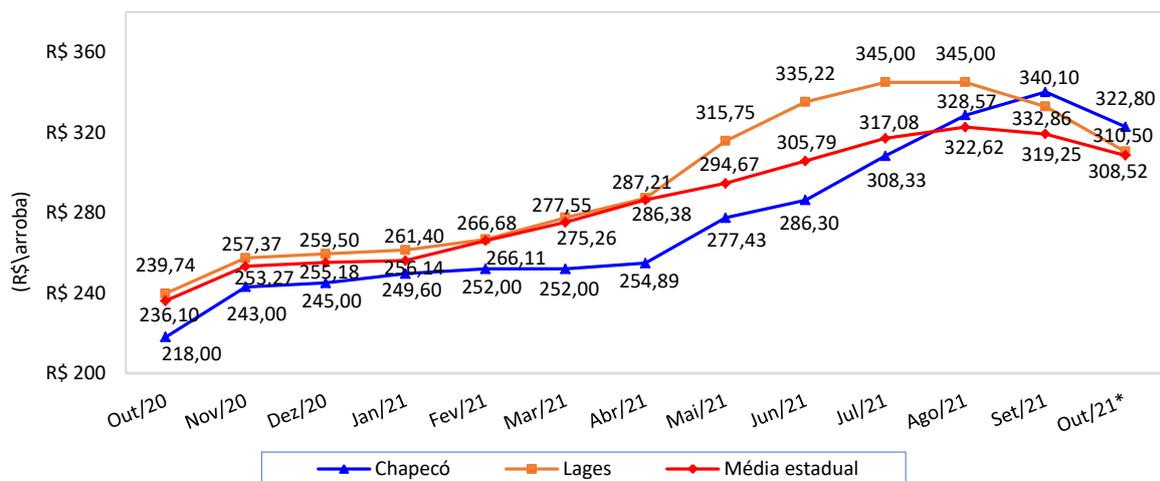


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne bovina apresentaram movimentos distintos na primeira quinzena de outubro, de acordo com o tipo de corte. Em relação a setembro, a carne de traseiro registrou queda de 1,6%. A carne de dianteiro, por outro lado, apresentou leve variação positiva no corrente mês: 0,2%. Na média dos dois tipos de corte, a variação foi de -0,7%. Apesar disso, no ano ainda se registra alta de 20,3%.

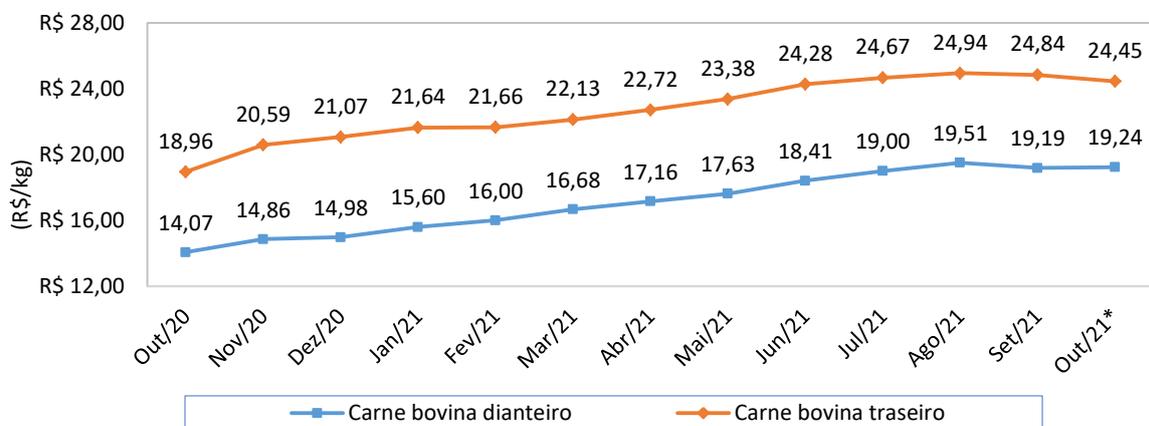


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados em outubro de 2020, observam-se altas de 36,7% para a carne de dianteiro e 29,0% para a carne de traseiro, com média de 32,8%.

Custos

Assim como observado em setembro, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentaram variações negativas nos preços pagos ao produtor na primeira quinzena de outubro. Em relação ao mês anterior, as quedas são de 4,7% para os bezerros de até 1 ano e 3,3% para os novilhos de 1 a 2 anos. Na comparação com outubro de 2020, por outro lado, as variações são positivas e bastante expressivas: 49,6% para os bezerros e 59,4% para os novilhos.

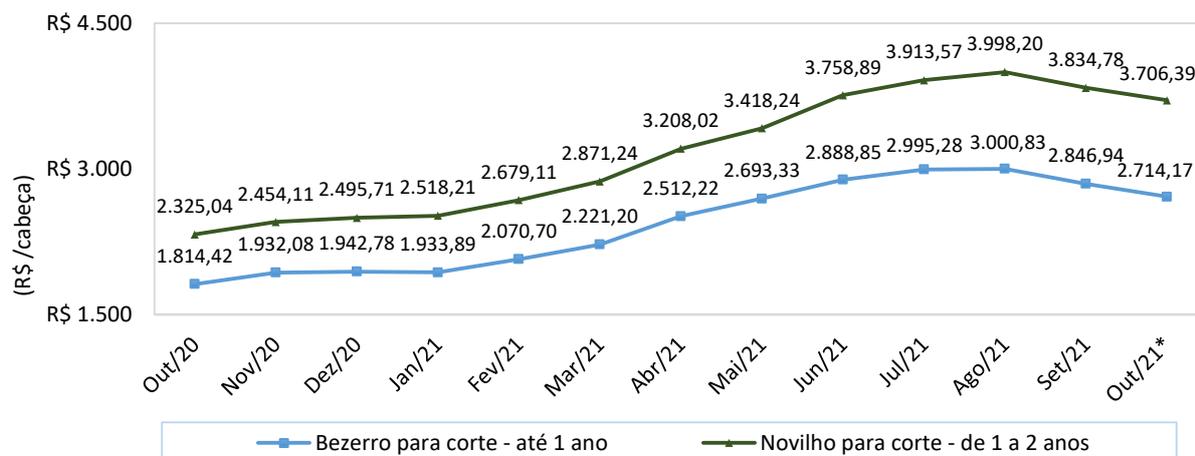


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em setembro, o Brasil exportou **211,73 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), alta de **0,7%** na comparação com o mês anterior e de **27,5%** em relação a setembro de 2020. As receitas foram de **US\$1,19 bilhão**, crescimento de **1,3%** em relação ao mês anterior e de **77,7%** na comparação com setembro de 2020.

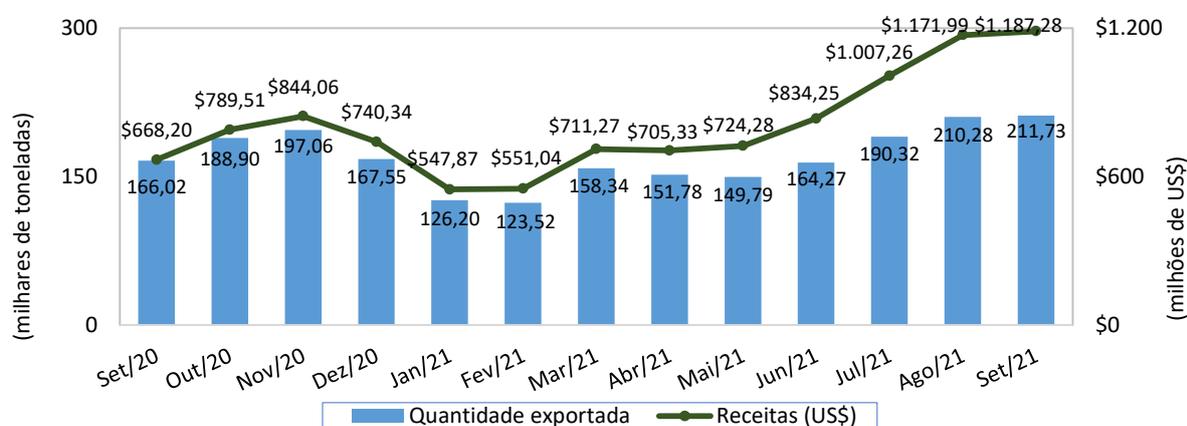


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Apesar da suspensão das exportações para a China, principal comprador brasileiro, após a confirmação de dois casos atípicos de encefalopatia espongiforme bovina (conhecida como “vaca louca”), esses são os melhores resultados mensais de toda a série histórica, iniciada em 1997, tanto em quantidade quanto em valor.

Por outro lado, de acordo com os dados preliminares de outubro, divulgados pelo Ministério da Economia, verificam-se quedas nas médias diárias. O Brasil embarcou 30,4 mil toneladas de carne bovina nos seis primeiros dias úteis de outubro, com uma média diária de 5,1 mil toneladas, queda de 37,7% ante a média de outubro de 2020. Em relação a setembro deste ano a queda é de 43,1%.

O Brasil é o maior exportador de carne bovina para a China, tendo embarcado 38% do total importado pelos chineses de janeiro a julho deste ano. A dependência dos chineses em relação ao mercado brasileiro e os recentes aumentos no preço da carne bovina naquele país são alguns dos indicadores que levam diversos analistas a apostar numa provável retomada dos embarques nas próximas semanas. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), por outro lado, aponta que ainda não há previsão para que essa retomada aconteça.

A Arábia Saudita, que também havia suspenso as importações de carne bovina do Brasil logo após a detecção dos casos de “vaca louca”, retirou o embargo ainda na segunda quinzena de setembro.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada em agosto foi de **US\$5.790/t**, altas de **1,9%** em relação ao mês anterior e de **41,4%** na comparação com setembro de 2020.

De janeiro a setembro, o Brasil exportou **1,49 milhão de toneladas** de carne bovina, com **US\$7,44 bilhões** em receitas, alta de **2,0%** em volume e **21,9%** em valor em relação ao mesmo período de 2020. China e Hong Kong responderam por 60,3% das receitas brasileiras com as exportações desse produto.

Dentre os dez principais destinos da carne bovina brasileira, a maioria apresentou variação positiva nas receitas acumuladas no ano, em relação ao mesmo período de 2020, com destaque para China (35,6%), Estados Unidos (112,4%) e Chile (52,7%). Apenas dois países apresentaram variações negativas: Hong Kong (-19,8%) e Egito (-44,4%).

Santa Catarina exportou **234 toneladas** de carne bovina em setembro, com faturamento de **US\$852 mil**, quedas de 21,7% e 13,0% em relação ao mês anterior, respectivamente. No acumulado do ano, o estado exportou **2,46 mil toneladas**, com receitas de **US\$9,34 milhões**, altas de 1,3% e 25,7%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020.

Produção

Os dados da Pesquisa Agropecuária Municipal, do IBGE, mostram que em 2020 o rebanho bovino de Santa Catarina era de 4,53 milhões de cabeças, aumento de 5,5% quando comparado a 2019.

Comportamento similar é observado no âmbito nacional, que em 2020 apresentou alta de 2,0% em relação ao ano anterior, atingindo 218,15 milhões de cabeças.

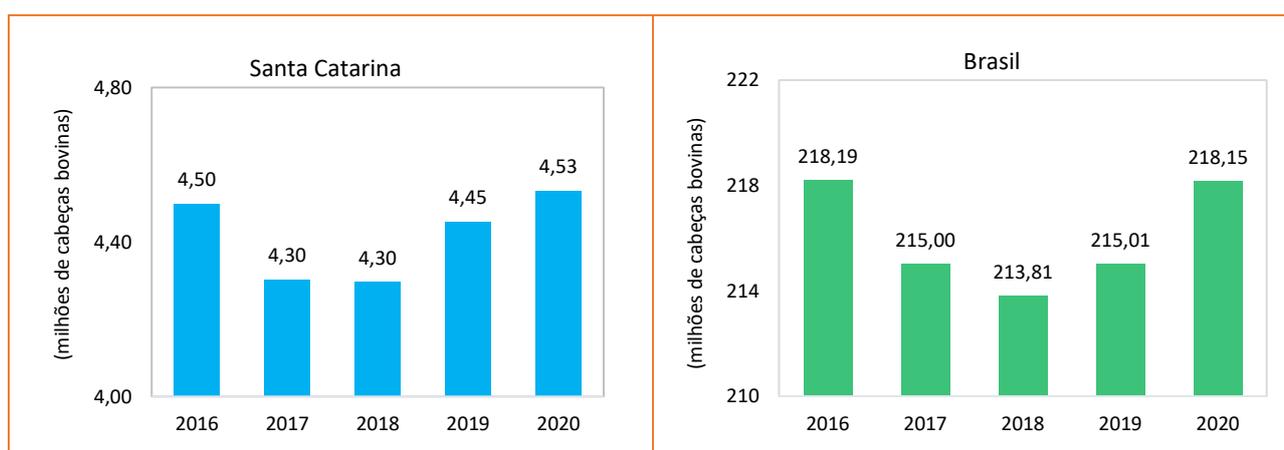


Figura 6. Rebanho bovino – Santa Catarina e Brasil: quantidade de cabeças

Fonte: Pesquisa Agropecuária Municipal – IBGE (2021).

Suínocultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas duas primeiras semanas de outubro, os preços do suíno vivo registraram variações positivas em todos

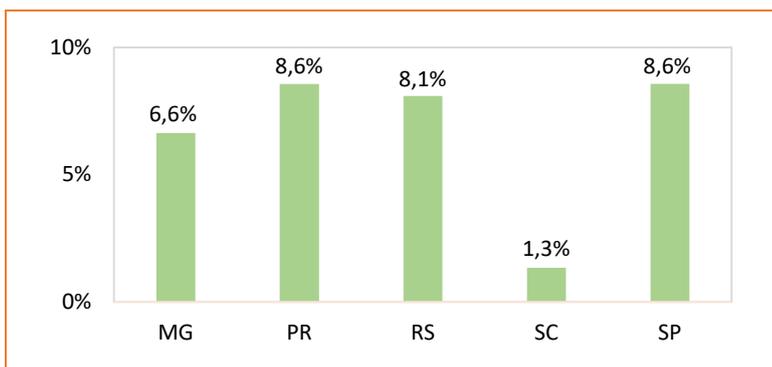


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (setembro/outubro de 2021⁽¹⁾)

⁽¹⁾Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2021.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

os estados analisados (Figura 1), revertendo as quedas observadas no mês anterior. Apesar da demanda limitada no mercado interno, em função da crise econômica que afeta o poder de compra de grande parte da população, o crescimento das exportações em setembro, como veremos adiante, melhorou a liquidez da carne suína e favoreceu a alta nos preços ao produtor.

Não obstante as variações positivas nos preços preliminares do corrente mês, quando se comparam os mesmos com os valores praticados em outubro de 2020, observam-se quedas em todos os estados analisados: -16,7% no Paraná, -14,6% em

Minas Gerais, -14,5% no Rio Grande do Sul, -13,6% em São Paulo e -1,1% em Santa Catarina. Somado a isso, é necessário levar em consideração que nos últimos 12 meses se observou expressiva elevação nos custos de produção, conforme veremos adiante. Além disso, a inflação acumulada no período foi de 10,3%, segundo o IPCA/IBGE.

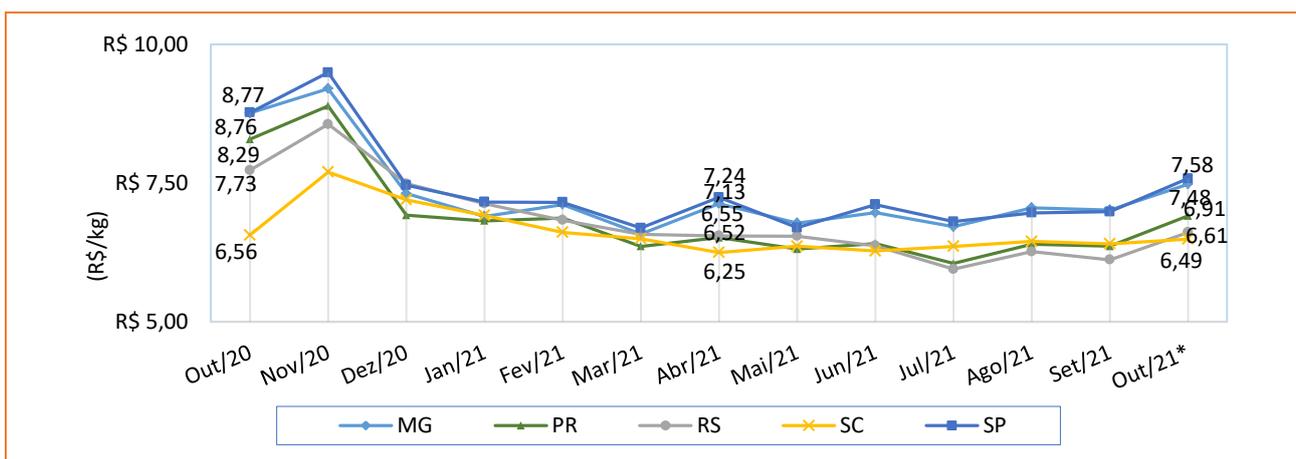


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2021.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Na primeira quinzena de outubro, os valores preliminares do suíno vivo na praça de Chapecó apresentaram variações distintas, de acordo com o perfil do produtor: alta de 0,6% para o produtor independente e queda de 1,1% para o integrado. Na comparação com outubro de 2020, os preços pagos aos produtores independentes caíram 13,9%, enquanto os integrados registram alta de 12,6%.

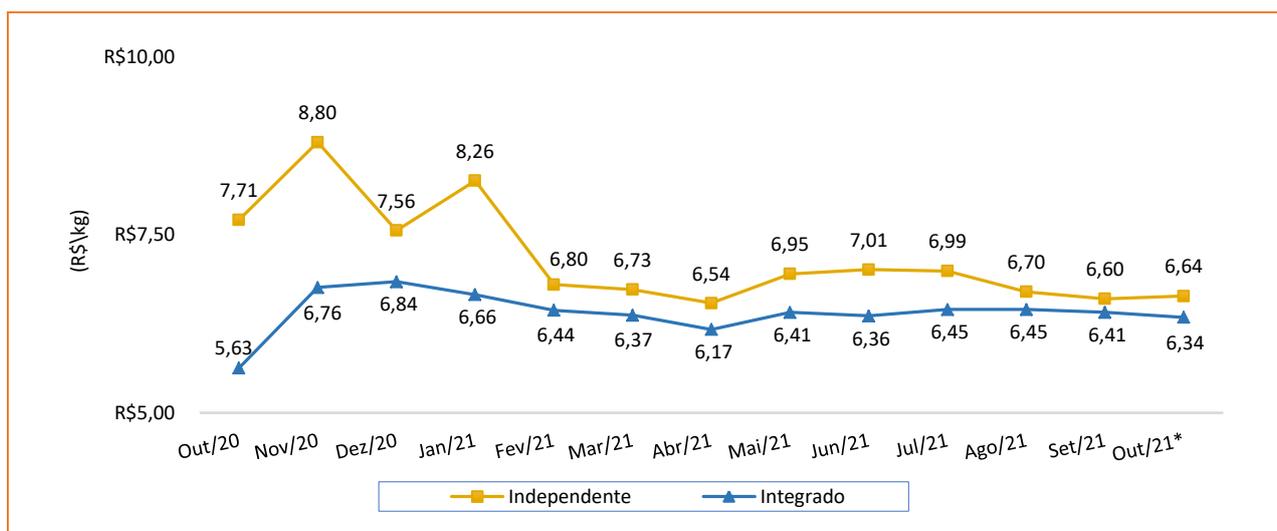


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

* Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne suína apresentaram movimentos distintos na primeira quinzena de outubro, de acordo com o tipo de corte. Conforme o levantamento da Epagri/Cepa, três cortes registraram quedas: pernil (-4,6%), carré (-3,8%) e costela (-1,7%). Por outro lado, variações positivas foram observadas nos casos do lombo (5,1%) e da carcaça inteira (1,5%). Na média de todos os cortes, a variação foi de -0,7%. No acumulado do ano, verifica-se queda de 8,7% no preço médio de atacado da carne suína.

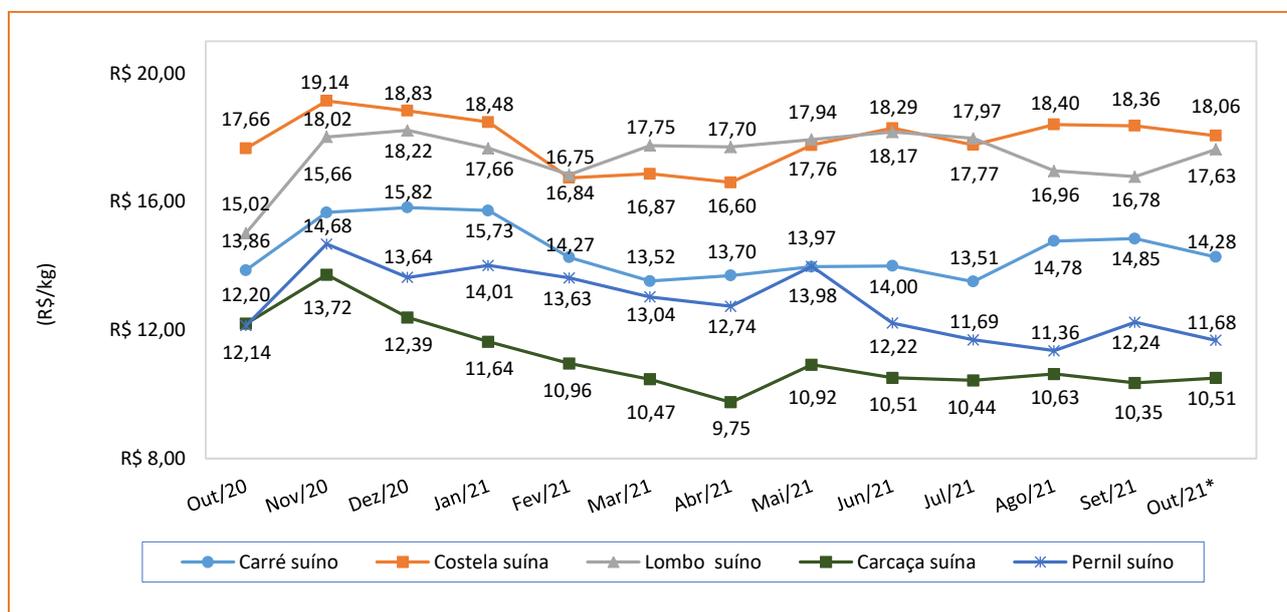


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores preliminares de outubro e o mesmo mês de 2020, são observadas variações positivas em três cortes: lombo (17,4%), carré (3,0%) e costela (8,1%) e pernil (2,2%). Por outro lado, a carcaça suína e o pernil apresentam variações negativa no período: -13,9% e -3,7%, respectivamente. Na média dos cinco cortes, verifica alta de 1,0%.

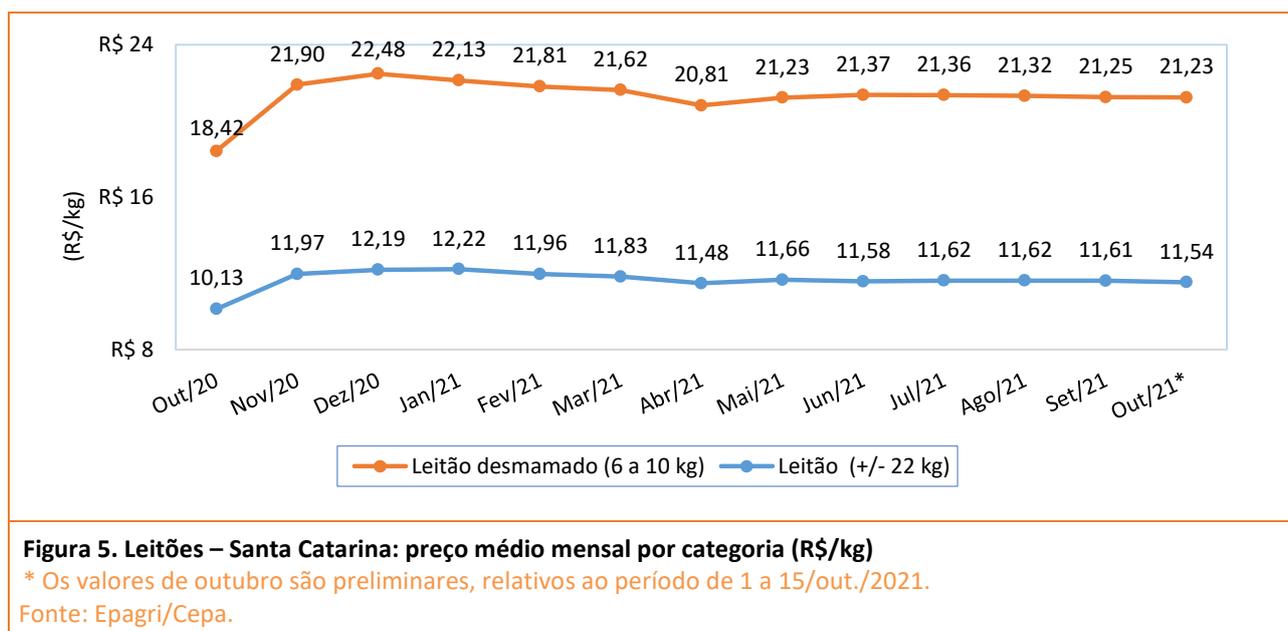
Custos

Em setembro, o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$6,87/kg de peso vivo, queda de 3,4% em relação ao mês anterior. Apesar disso, a alta acumulada nos últimos 12 meses é de 28,1%, resultante principalmente da elevação dos custos com nutrição. A alimentação representou 81,5% dos custos de produção dos suínos em agosto. A elevação acumulada no ano é de 4,8%.

Os custos de grãos usados na ração de aves e suínos devem continuar altos até meados de 2022, segundo recente relatório do Rabobank, elevando custos de produção para os produtores.

Em 23 de setembro, o governo federal editou medida provisória que zera, até 31 de dezembro, os tributos sobre a importação do milho, medida defendida pelo setor de carnes para amenizar a alta nos preços do produto e evitar eventual falta do mesmo no mercado interno. Em abril, o governo brasileiro já havia suspenso uma alíquota do imposto de importação aplicada às compras de milho, soja, óleo e farelo da oleaginosa vindos de países de fora do Mercosul.

Os preços dos leitões apresentam pequenos movimentos de queda na primeira quinzena de outubro, em relação ao mês anterior: -0,6% no caso dos leitões de aproximadamente 22kg e -0,1% para os leitões de 6 a 10kg. Em relação a outubro de 2020, observam-se altas para ambas as categorias: 15,3% para os leitões de 6 a 10kg e 13,9% para os leitões de aproximadamente 22kg.



A relação de equivalência insumo-produto apresenta queda 0,9% na primeira quinzena de outubro em relação a setembro. Tal resultado é decorrente da queda de 1,1% no preço do milho, parcialmente suprimida pela redução de 0,2% no preço do suíno vivo na praça de Chapecó. O valor atual está 41,6% acima daquele observado em outubro de 2020.

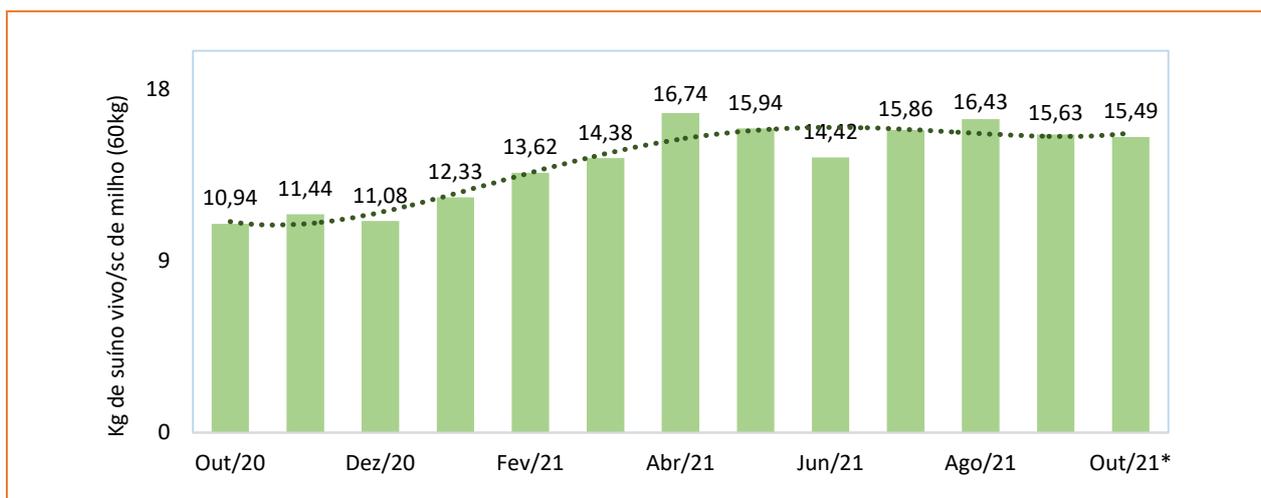


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

* O valor de outubro é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/out./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Em outubro de 2020, o suinocultor precisava de 10,9kg de suíno vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho (levando em consideração o preço de atacado), enquanto, em setembro deste ano, são necessários 15,5kg para adquirir o mesmo produto.

Comércio exterior

Em setembro, o Brasil exportou **110,73 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de **23,5%** em relação ao mês anterior e **30,1%** maior que setembro de 2020. As receitas foram de **US\$254,00 milhões**, aumento de **22,6%** em relação ao mês anterior e de **35,7%** na comparação com setembro de 2020.

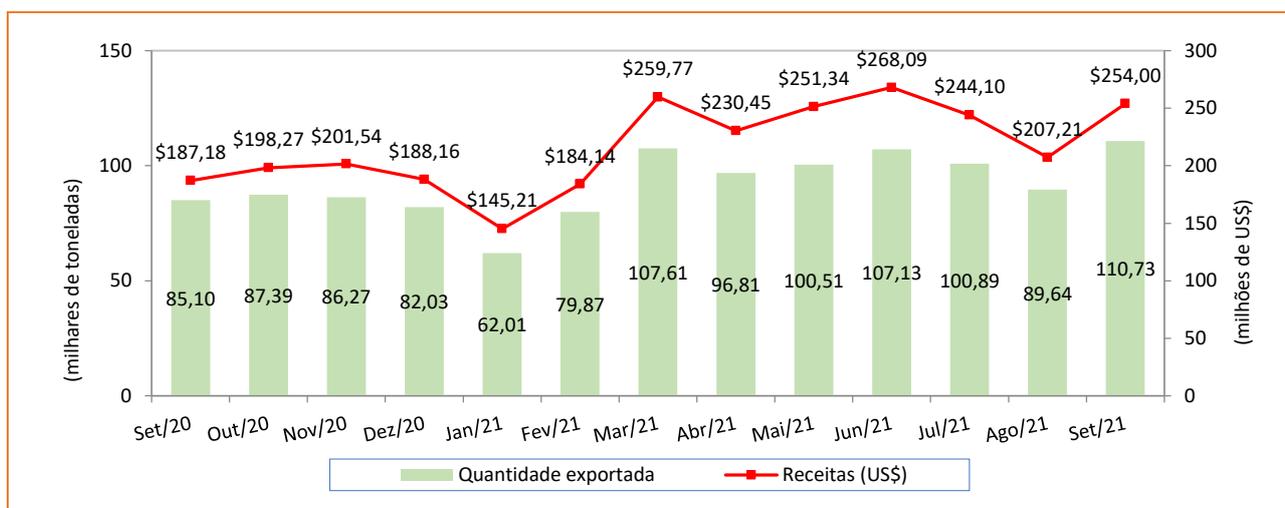


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

De janeiro a setembro, o Brasil exportou **855,21 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$2,04 bilhões**, altas de **13,4%** e **22,7%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020.

Os cinco principais destinos das exportações brasileiras de carne suína neste ano foram China (55,8% do total), Hong Kong (12,4%), Chile (6,0%), Singapura (4,3%) e Uruguai (3,3%), responsáveis por 81,8% das receitas no período.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **57,75 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em setembro, alta de **29,8%** em relação ao mês anterior e **34,0%** acima de setembro de 2020. As receitas foram de **US\$136,26 milhões**, crescimento de **26,8%** em relação ao mês anterior e de **40,3%** na comparação com setembro de 2020. Em termos de quantidade, esse foi o maior valor mensal já exportado por Santa Catarina desde o início da série histórica, em 1997, e o 3º melhor resultado financeiro do período.



Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em setembro foi de **US\$ 2.421/tonelada**, queda de **2,2%** em relação ao mês anterior, mas **3,9%** acima da média de setembro de 2020.

De janeiro a setembro, o estado exportou **438,31 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$1,08 bilhão**, altas de **12,6%** e **26,4%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020. Santa Catarina respondeu por **52,9%** das receitas e **51,3%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 86,9% das receitas de janeiro a setembro. China e Hong Kong responderam por 68,3%.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a set. de 2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	671.677.811,00	267.724
Chile	122.314.937,00	48.190
Hong Kong	66.813.054,00	31.749
Filipinas	40.231.098,00	19.926
Japão	39.389.520,00	9.552
Demais países	141.527.514,00	61.172
TOTAL	1.081.953.934,00	438.313

Fonte: Comex Stat.

A maioria dos dez principais destinos da carne suína catarinense apresentou variações positivas nas receitas acumuladas neste ano em relação ao mesmo período de 2020, com destaque para China (26,3%), Chile (92,0%), Filipinas (472,8%) e Argentina (76,9%). Por outro lado, foram registradas variações negativas em importadores representativos, como é o caso de Hong Kong (-12,1%), 3º principal destino da carne catarinense.

De acordo com nota divulgada pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), o quadro de demanda internacional segue favorável, “reduzindo a pressão enfrentada pelo setor produtivo com custos de produção elevados”. Em fins de setembro, a ABPA também divulgou um relatório com projeções para o próximo ano. Segundo a entidade, o cenário internacional deve se manter positivo para a carne suína em 2022, com expectativas de crescimento de 13% nas exportações brasileiras do produto.

Produção

De acordo com os dados da Pesquisa da Pecuária Municipal, divulgada pelo IBGE, em 2020 o estado de Santa Catarina atingiu o montante de 904,8 mil matrizes suínas, maior valor desde 2013, quando tem início a série histórica. Esse número representa um crescimento de 10,6% em relação a 2019. Quando comparado a 2016, a variação é ainda mais expressiva: 32,8%. O rebanho suíno total, por sua vez, é de 7,81 milhões de cabeças, aumento de 2,8% na comparação com o ano anterior.

Em termos nacionais, o IBGE registrou 4,84 milhões de matrizes, maior registro desde o início da série histórica, em 2013, e aumento de 1,4% em relação ao ano anterior. O rebanho total de 2020, por sua vez, é de 41,12 milhões, incremento de 1,4% em relação a 2019.

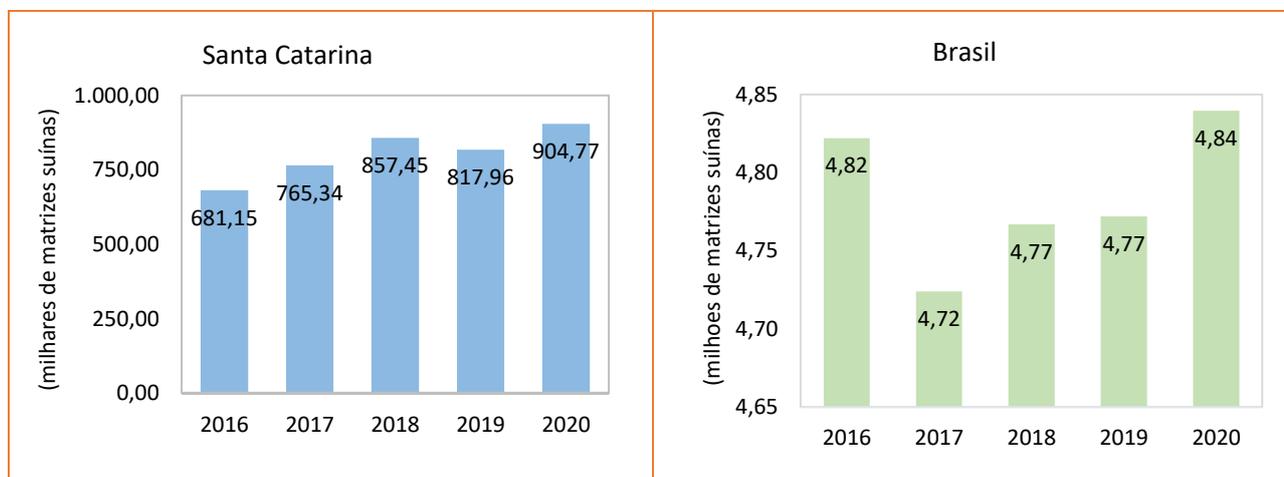


Figura 9. Rebanho suíno – Santa Catarina e Brasil: quantidade de matrizes

Fonte: Pesquisa Agropecuária Municipal – IBGE (2021).

Peste Suína Africana

Depois da República Dominicana, que em julho registrou os primeiros casos de peste suína africana (PSA) do continente americano em quase 40 anos, em setembro a doença chegou ao Haiti. Os surtos da doença nesses dois países aumentam a preocupação de que a PSA possa se espalhar pelos demais países do continente, o que tem levado diversos países a ampliar as medidas de controle.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Preços

Na reunião de setembro (dia 24), o Conseleite/SC definiu o preço de referência final para o mês de agosto e projetou o preço de setembro (que serve de base para o preço que os produtores estão recebendo neste mês de outubro). O valor final de agosto (R\$1,7950/l) ficou praticamente igual ao que havia sido projetado na reunião anterior e quase 3 centavos acima do valor final de julho (R\$1,7676/l). O valor projetado para setembro (R\$1,7988/l) é praticamente idêntico ao de agosto deste ano e de setembro do ano passado (Tabela 1).

Tabela 1. Leite padrão: Santa Catarina - preços de referência do Conseleite					
Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Variação (%)	
	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	1,1659	1,2273	1,6020	5,3	30,5
Fevereiro	1,2309	1,2342	1,5218	0,3	23,3
Março	1,1957	1,2974	1,5699	8,5	21,0
Abril	1,2185	1,3192	1,5820	8,3	19,9
Mai	1,2535	1,3091	1,6994	4,4	29,8
Junho	1,2036	1,5176	1,8025	26,1	18,8
Julho	1,1560	1,5588	1,7676	34,8	13,4
Agosto	1,1918	1,7288	1,7950	45,1	3,8
Setembro	1,1767	1,7994	1,7988	52,9	0,0
Outubro	1,1516	1,7075		48,3	
Novembro	1,1779	1,6703		41,8	
Dezembro	1,2227	1,7121		40,0	
Média anual	1,1954	1,5068		26,1	

Setembro/2021: valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Portanto, não se confirmou a expectativa registrada no Boletim Agropecuário de setembro, de provável redução no preço de referência de setembro. Por outro lado, confirmou-se a outra expectativa registrada no mesmo boletim: a de que os produtores catarinenses receberiam em outubro preços inferiores aos de setembro. Embora a situação possa variar bastante, de acordo com a região, a empresa compradora, o perfil do produtor, o preço praticado nos meses recentes, entre outros aspectos, é raro o produtor catarinense que tenha recebido em outubro preço pelo menos igual ao de setembro, com casos de quedas mais discretas e outras mais significativas. Os levantamentos da Epagri/Cepa, que referenciam o cálculo do preço médio recebido pelos produtores catarinenses no mês de outubro, ainda não estão finalizados em todas as regiões. Os dados provisórios indicam que o preço médio do mês ficará cerca de 4 centavos abaixo do preço médio de setembro (Tabela 2).

A reunião de outubro do Conseleite/SC está marcada para o dia 28. Nela, será definido o preço de referência final de setembro e se projetará o preço de outubro. Não será surpresa se o resultado da reunião for um preço final de setembro um pouco abaixo do que havia sido projetado na reunião anterior e, principalmente, queda no valor a ser projetado para outubro. Esta expectativa está baseada nas quedas recentes de preços de alguns produtos no mercado atacadista, particularmente dos preços do leite UHT e do leite Spot (leite comercializado entre as “indústrias”).

Tabela 2. Leite – Santa Catarina: preço médio ⁽¹⁾ aos produtores

Mês	R\$/l posto na propriedade				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	0,94	1,09	1,22	1,94	11,9	59,0
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	1,78	7,7	41,3
Março	0,96	1,25	1,29	1,71	3,2	32,6
Abril	1,01	1,27	1,28	1,76	0,8	37,5
Mai	1,09	1,32	1,19	1,84	-9,8	54,6
Junho	1,14	1,32	1,31	1,99	-0,8	51,9
Julho	1,30	1,23	1,50	2,15	22,0	43,3
Agosto	1,35	1,19	1,66	2,17	39,5	30,7
Setembro	1,31	1,21	1,87	2,17	54,5	16,0
Outubro	1,28	1,21	1,95	2,13	61,2	9,2
Novembro	1,24	1,19	1,92		61,3	
Dezembro	1,11	1,18	1,97		66,9	
Média anual	1,14	1,22	1,54		25,9	

⁽¹⁾ Preço médio mais comum das principais regiões produtoras.

Outubro/2021: média provisória.

Fonte: Epagri/Cepa.

Balança comercial

Nos três últimos meses (julho, agosto e setembro), a quantidade de lácteos importada pelo Brasil foi sempre bem menor que as dos mesmos meses de 2020. É praticamente certo que isso se repetirá não apenas neste mês de outubro, como também em novembro e dezembro. As exportações, por sua vez, desde março vêm sendo superiores às dos mesmos meses de 2020. Neste caso, já não há garantia que esse comportamento se repita em outubro, novembro e dezembro. Seja como for, o fato é que a comparação do acumulado de janeiro a setembro de 2021 com o mesmo período de 2020 mostra uma redução de 2,1% nas importações, crescimento de 28,6% nas exportações e diminuição de 9,9% no saldo negativo da balança de lácteos (Tabela 3).

Tabela 3. Balança comercial brasileira de lácteos

Mês	Milhão de quilo								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2020	2021	Var. %	2020	2021	Var. %	2020	2021	Var. %
Janeiro	10,6	17,8	68,4	2,9	2,4	-17,3	-7,7	-15,5	100,2
Fevereiro	8,8	15,1	72,0	1,8	1,8	-1,0	-7,0	-13,4	90,6
Março	9,4	14,4	52,9	2,5	2,8	8,8	-6,8	-11,6	69,3
Abril	6,0	7,3	22,0	1,8	4,3	135,7	-4,2	-3,0	-27,3
Mai	7,5	8,3	9,9	2,3	3,3	39,2	-5,2	-5,0	-3,4
Junho	8,4	8,8	5,0	2,2	4,0	85,1	-6,3	-4,9	-22,6
Julho	12,6	9,6	-23,5	2,7	3,5	31,9	-9,9	-6,1	-38,4
Agosto	18,0	10,0	-44,1	2,7	3,0	10,4	-15,3	-7,0	-53,9
Setembro	22,8	10,6	-53,7	2,4	2,5	1,4	-20,4	-8,1	-60,3
Até setembro	104,1	102,0	-2,1	21,3	27,4	28,6	-82,8	-74,6	-9,9
Outubro	22,1			2,7			-19,5		
Novembro	22,9			2,5			-20,4		
Dezembro	22,4			2,5			-19,9		
Total	171,6			29,0			-142,6		

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat

Dada a persistência do quadro de desvalorização do real e a tendência de novas reduções nos preços internos dos lácteos, é improvável que haja qualquer movimento de crescimento das importações em relação aos patamares atuais. Com isso, o saldo negativo da balança comercial brasileira de lácteos deve fechar o ano abaixo dos 100 milhões de quilos. De 2021 para cá, somente em 2014 e 2015 houve saldo negativo abaixo deste patamar.